

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 • AVENÇA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

O AERÓDROMO HÁ-DE FAZER-SE E DENTRO DE MUITO BREVE TEMPO!



O sr. dr. Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro, fornecendo esclarecimentos ao nosso redactor Mário Zambujal

O sr. dr. Luís Gordinho Moreira — presidente da Câmara Municipal de Faro — passa em revista para o JORNAL DO ALGARVE alguns dos mais instantes problemas da capital da Província

Entrevista por MÁRIO ZAMBUJAL

As cidades não são como as pessoas. Porque as mães atentas, ou as «nurses» narigudas, de óculos e sardas, que zelosamente vigiam o bem-estar dos meninos, mudando-lhes as fraldas e polvilhando-os de talco nas regiões em que tal operação se torna mister, podem ir atenuando os seus cuidados na medida progressiva em que o fulaninho se desenvolve e cresce.

Com as cidades ocorre o inverso. A assistência de que carecem corre paralelamente com o seu desenvolvimento. Quanto mais adulta, mais uma cidade exige vigilância e orientação. É a tarefa dos Municípios.

Faro a capital da Província, é uma terra embalada em carreira de progresso, ganhando, dia a dia, novos contornos, novas perspectivas. Novos problemas, concomitantemente, vêm recair sobre a mesa de trabalho do homem a quem cumpre solucioná-los, tarefa sempre pesada, muitas vezes ingrata.

Jornal do Algarve, atento, teimoso e irremediavelmente atento, a quanto se passa na Província, não podia ignorar a actual fase de valorização da sua primeira cidade, os problemas que a afectam, as so-

Socorros a Náufragos?

Já em tempos chamámos a atenção das pessoas que estão à frente do Instituto de Socorros a Náufragos para o abandono a que estão votadas a barra do Guadiana e a costa de Vila Real de Santo António por parte de tais socorros. Em tempo existiu ali um salva-vidas mas não se sabe por que motivo o mesmo desapareceu e se abandonaram as respectivas instalações, atitude insensata e condenável porque não se compreende que o maior porto do Sul possuidor da segunda frota piscatória do Al-

(Conclui na 6.ª página)



A algarvia Maria de Fátima Bravo e António Calvário, filho de algarvios, durante a sua apresentação no festival da Figueira da Foz

(Fotos de Vitorino Martins)

Os festivais da canção portuguesa também devem realizar-se no Algarve

pela dr.ª MARIA ODETTE LEONARDO DA FONSECA

O I Colóquio Gonçalves começa hoje em Lagos sob a presidência de honra do sr. dr. Júlio Dantas

COMEÇA hoje, em Lagos, o I Colóquio Gonçalves, com que se inaugura o ciclo cultural das Comemorações do VI Centenário de S. Gonçalo de Lagos, promovidas pelo Município lacobrigense e cujo programa oportunamente inserimos. Conforme prometemos, publicamos a seguir os títulos exactos de todas as comunicações que ali vão ser apreciadas, em sessões de trabalho a que presidirão os srs. general Leonel Vieira, dr. António Castanheira Samuel, major Jacinto J. Nascimento Moura, dr. Rafael Salinas Calado e dr. Mário Lister Franco:

S. Gonçalo de Lagos e a Ordem Agustiniana no concelho de Torres Vedras, pelo sr. dr. Pedro Garcia Anacleto. A ermida de S. Gonçalo no concelho de Palmela, pelo sr. José Joaquim Rita Salinas. As principais fontes dos estudos gongalinos modernos, pelo sr. Antero Nobre. A cerca de S. Gonçalo de Lagos, pelo sr. dr. Salinas Calado. A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante, pelo sr. dr. J. Fernandes Mascarenhas. S. Gonçalo de Lagos escritor e compositor de cantos sacros, pelos srs. maiores Jacinto J. Nascimento Moura e Mateus Moreno. Características gerais e valor real da iconografia gongalina, pelo sr. Antero Nobre. Dois painéis de S. Gonçalo em Faro, pelo sr. eng. Manuel

(Conclui na 8.ª página)

Gralha desagradável

NA nossa local sobre «Valorização dos meios rurais» publicada a semana passada, pousou uma gralha que deturpou o que se escreveu e que vamos rectificar. Assim o que se leu foi o seguinte: «Os três planos envolvem o encargo de 7.000.000 de contos de dinheiro que, segundo corre, alguns «patriotas» resguardam nos bancos suíços, etc.» Ora o que se escreveu e o que está certo é o seguinte: «Os três planos, envolvem o encargo de 7.000.000 de contos, dois milhões mais do volume de dinheiro que segundo corre, alguns «patriotas», etc.



Esta é Tarita, nasceu no Tahiti, de onde trouxe o traje sumário que se aprecia e vai contracenar em Hollywood com Marlon Brando. Se um saltador lhe apontar uma pistola e a intimidar a levantar os braços — temos fita.

(Conclui na 10.ª página)



Vista geral da praia de Faro

luções que se preconizam, o presente, o futuro.

O sr. dr. Luís Gordinho Moreira, que há anos seguiu com mão firme esta rédea da administração concelhia, levando-a para estrada ampla e desempoeirada, recebeu-nos no seu gabinete de trabalho.

(Continua na 4.ª página)

Espectáculos patrióticos nos castelos algarvios

Sr. director do Jornal do Algarve e meu prezado amigo José Barão:

Li no penúltimo número do seu jornal um artigo em que se propunha que a «Antígona» de Sófocles fosse representada nos castelos de Silves e Castro Marim.

Venho manifestar-lhe a minha discordância dessa ideia. No actual momento não me parece que nos devam preocupar com organizar espectáculos puramente artísticos e sem enquadramento nos castelos do Algarve.

Pelo contrário, penso que seria muito mais interessante que aí se organizassem veladas de armas da Mocidade Portuguesa, da Legião ou de qualquer outra força militar ou para-militar.

Quando a Pátria sofre uma luta que nos é imposta não parece bem que percamos tempo em festejos e espectáculos puramente artísticos. Além de veladas de armas admito, porém, espectáculos de carácter patriótico.

A nossa literatura teatral tem matéria suficiente para que possamos proporcionar nos castelos algarvios, a portugueses e turistas estrangeiros, espectáculos teatrais de alto relevo e de sentido nacional.

(Conclui na 6.ª página)

Visado pela delegação de Censura

A árvore nos aglomerados urbanos vive em dificuldade

SÃO os gradientes de temperatura, humidade, potencial eléctrico e outros, estabelecidos entre o sistema radicular e as folhas, que condicionam a vida das plantas.

Nas folhas, através de pequenos orifícios — os estomas — de abertura variável conforme a luz e a humidade, estabelece-se o contacto entre as células e a atmosfera. A respiração é tanto mais intensa quanto maior for a actividade vital dos tecidos; respiram mais os rebentos novos e as radiculas, e a respiração é mais activa na Primavera do que no Inverno. As plantas de folha caduca têm no período de repouso vegetativo menores necessidades de respiração do que as plantas de folha persistente. A respiração faz-se não só através das folhas e ramos mas também pelas raízes; quando o ar falta no solo, por compactação ou alargamento, as plantas morrem por asfixia radicular.

Nas folhas e no tronco das árvores,

“MORALIDADES DAS BARCAS” um êxito do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve

EM 24 do mês findo, na Alameda João de Deus, em Faro, o Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, prestou a sua prova na primeira fase do Concurso Nacional de Arte Dramática (amadores), promovido pelo S. N. I., representando «Moralidades das Barcas», de Gil Vicente. O espectáculo — autêntico teatro, nas suas mais belas e puras características — foi um êxito sob todos os aspectos: encenação perfeita, enquadramento magnífico, interpretação de nível geral a atingir o óptimo. Foi uma noite de verdadeiro teatro e um dos momentos mais válidos de arte presenciados entre nós.

O júri, constituído pelos srs. dr. Fernando Amado (professor do Conservatório e escritor), dr. Eduino de Jesus (crítico literário) e pelo conhecido actor e encenador Pedro Lemos, teve magnífica ocasião de assinalar o mérito e valor dos valorosos intérpretes da arte de Talma. Ao sr. dr. Emilio Campos Coroa e à sua equipa, esse conjunto

(Conclui na 3.ª página)

Vice-cônsul de Portugal EM AIAMONTE

O sr. Cipriano Carrasco Sáenz, vice-cônsul de Portugal em Aiamoto, teve a bondade de nos apresentar os seus cumprimentos e oferecer os seus préstimos em benefício dos interesses dos portugueses e no sentido do estreitamento dos laços de amizade que unem os povos irmãos.

Agradecemos.

Ponte sobre o rio Arade

A Junta Autónoma de Estradas adjudicou por 1.823 contos, ao sr. José Ribeiro, a construção da ponte sobre o rio Arade, em Silves.

POIS é verdade, prezados leitores, por estranho que pareça, a nossa Província marcou presença amistosa no III Festival da Canção Portuguesa, realizado recentemente na Figueira da Foz. Partiramos da capital bem longe de usufruir uma tão grata surpresa e nem pensáramos sequer redigir estas linhas. Porém, ao passarmos pela Serra da Boa Viagem ou no cavaqueio da sala do Turismo, ouvimos, embevecidamente, exaltar as belezas das nossas praias e o calor com que as platéias algarvias acarinham os cançonetistas. Então nasceu toda a ideia desta crónica e tomou vulto a hipótese de admitir que, talvez fosse o Algarve a província escolhida para o próximo festival. Pode verificar que toda a caravana artística dava a primazia às areias louras e quentes do litoral suliano.

Apenas Henrique Mendes, Artur Garcia e Lurdes Norberto ignoram a terra algarvia mas contam visitá-la oportunamente.

Na véspera do primeiro espectáculo ouvimos no casino a artista brasileira Mara Abrantes que ali actuava e estivera na semana anterior no da Praia da Rocha. Acolheu-nos com um rasgado elogio ao confrontar a Praia da Claridade — a Figueira — com as costas algarvias e escreveu na nossa agenda de recordações: «De todas as praias

(Conclui na 4.ª página)

JORNAL DO ALGARVE

A «Folha Turística de Beja» transcreveu a crónica do nosso estimado colaborador Eurico Santos Patrício, intitulada «O valor turístico do Algarve». Os nossos melhores agradecimentos.

A saúde é a maior riqueza

A DENTIÇÃO

Vá a um dentista antes do seu filho nascer. Se os pais têm dentes fortes e saudáveis, que resultam de uma dieta rica em cálcio, os filhos, certamente, herdarão deles os seus dentes bonitos e fortes.

Uma dieta nutritiva e não a idade determinam a saúde dos seus dentes. Enquanto a sua vida durar, alimente-se diariamente com os quatro elementos para uma forte dentição: cálcio, iodo, vitamina C e vitamina D.

CRÓNICA DE FARO

por MÁRIO ZAMBUJAL



O turista e nós

O branca, um chapéu de palha, e como a camisa de quem homem era realmente uma figura curiosa. Estrangeiro, notoriamente. Já entrado em anos, trazia uma barbiga drados berrantes lhe tapava totalmente os calções, surgiam bruscamente, inopinadamente, duas pernas magras, de caricatura. E sandálias azúis.

Subia a Rua de Santo António com a maior fleugma. Grupos risonhos pararam ostensivamente para o ver passar, e muitos não resistiram a meter a sua piada, das rijas, sonora, «à portuguesa»...

Três jovens alemãs. Tomaram café e acenderam cigarros. Coisa naturalíssima, esta, mesmo entre nós, de uma senhora em público puxar a sua fumaça. Mas alguém, de uma mesa perto, berrou para outro alguém, de uma mesa longe: — Oh, Manel! Tás a ver isto?!

E apontava, com o indicador todo espetado...

Aqui para nós, elas nem sequer eram «grande coisa». Mas apareceram com os tais «bikinis», coisa que se outra atracção não tivesse tinha pelo menos a de ser proibida, e logo ocorreu uma farta e algo barulhenta «assistência».

Um amigo, com quem de longe presenciava a cena (de longe, palavra), comentou: — Vês? Isto não nos fica bem. Há que ser cavalheiro, discreto... e olhar só pelo canto do olho!

Concordei, sem olhar para ele!

Outras terras, outras gentes. Os turistas estrangeiros que, agora em número apreciado, demandam os encantos da costa algarvia, provocam-nos ainda um instintivo movimento de curiosidade. Pela fala, pelas atitudes, pela indumentária, pelas suas diferentes características rísticas.

Se é normalíssima tal curiosidade, que aliás o hábito irá atenuando, há que considerar que no incremento turístico do Algarve cabe também às populações um papel a desempenhar. Os episódios que acabei de contar, e que recentemente presenciados, são exemplos perfeitos do que não devemos fazer. São manifestações que nos inferiorizam, essas da rodinha basbaque ou dos dichotes «a gozar o prato».

Além de nos deixarem um tanto por baixo no conceito dos visitantes, e justamente por isso, não contribuem nada (ou contribuem negativamente) para a expansão turística que se pretende e que deve merecer a colaboração de todos. De todos os que compreendam o que tal expansão representará para a Província.

A forma de tratar os turistas estrangeiros é assunto a ser encarado com o maior cuidado. De alguma forma eles são «nossos clientes». Clientes que pagam a pronto e a que não convém desagradar. Porque se estão mal mudam-se. E o mal é nosso.

TINTAS «EXCELSIOR»

Em VILA NOVA DE MILFONTES — (Praia)

COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

(Para o sexo feminino)

INTERNATO E EXTERNATO

1.º e 2.º ciclo do liceu e admissão

Situação privilegiada (sobranceiro à foz do rio Mira) — Clima suave — Ambiente familiar e cristão — Excepcionais condições de trabalho escolar.

Mensalidades acessíveis (NÃO há extraordinários). Mandam-se prospectos.

FEIRA DE MARMELETE

Realiza-se nos dias 7 e 8 do mês de Setembro a já tradicional feira desta linda aldeia do concelho de Monchique, hoje admiravelmente servida por uma estrada moderna, considerada das mais belas e pitorescas do Sul do País.

Dispõe de água abundante de um fontenário situado junto do recinto da feira, assim como de bebedouros higiénicos para animais grandes e pequenos, que à feira acorrem cada vez mais numerosos de toda a região e Barlavento Algarvio.

Está assegurado um serviço permanente de transporte de passageiros DE E PARA MONCHIQUÉ pela EMPRESA CASTELO & CAÇORINO, pelo que é de prever larga afluência de forasteiros.

NOTÍCIAS PESSOAIS

General Alves de Sousa

Tem experimentado melhoras o nosso comprouviano, sr. general José Encarnação Alves de Sousa, comandante da 2.ª Brigada Militar, que foi submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica. Continua internado num quarto particular do Hospital de Santa Marta, em Lisboa, esperando-se que saia por estes dias.

Dr. Costa Lourenço

Em companhia de sua esposa e filhas encontra-se em Vila Real de Santo António a passar umas curtas férias o sr. dr. Costa Lourenço, ilustre secretário do sr. ministro da Educação e grande admirador da praia de Monte Gordo.

César dos Santos

Encontra-se em Vila Real de Santo António a férias, em companhia de sua esposa, o nosso prezado amigo e camarada César dos Santos, redactor do nosso colega «Diário de Lisboa», que durante a sua estadia, no princípio deste ano, na sua e nossa Província escreveu uma série brilhante de crónicas acerca do Algarve.

Partidas e chegadas

Depois de percorrer, em companhia de sua esposa e filhas, alguns países da Europa e de visitar na Suíça, onde está a estudar, sua filha Maria Cândida, regressou a Lisboa o nosso prezado comprouviano sr. eng. Amândio Sancho, proprietário da firma A. M. Silva.

Encontra-se em Lisboa de visita a seu filho, o nosso comprouviano, sr. dr. Francisco Romão Nascimento, que regressou de Paris, onde sofreu, uma imprevista intervenção cirúrgica, a sr.ª D. Ivone Romão Nascimento.

Com sua esposa, encontra-se a veranejar na praia de Faro o sr. dr. António Baptista Coelho, governador civil do distrito.

Acompanhado de sua mãe encontra-se a passar o Verão na sua quinta de S. Sebastião (Alcantarilha) o nosso amigo mons. Sezindano Oliveira Rosa, secretário-geral da Acção Católica.

De avião seguiu hoje para Belo Horizonte (Brasil) a nossa comprouviana sr.ª D. Adelina Nunes Glória, que ali vai juntar-se a sua filha, sr.ª D. Amélia Nunes Glória, e a seu genro, sr. José Ramalho dos Santos.

Encontram-se a veranejar, com suas famílias: em Monte Gordo, os nossos assinantes srs. Eduardo José Raposo, presidente da Câmara Municipal de Mértola, e Virgílio Vicente Ramos Machado; e em Quarteira o nosso prezado colaborador sr. Vítor da Luz.

Regressou a Lisboa o nosso assinante sr. António Guerreiro Macedo e vimos em Vila Real de Santo António, com curta demora, os srs. capitão Humberto Alfara Guerreiro, Manuel da Silva, comerciante em Além-Rio (Mértola), e Júlio Martins Pereira, funcionário da «Fiat» no Porto, e a sr.ª D. Josefa Ribeiro Clemente, professora, e o seu filho sr. António Ribeiro Clemente, funcionário da Siderurgia Nacional.

Encontram-se a férias em Vila Real de Santo António, com seu filho, a sr.ª D. Maria Celina Correia Fernandes Leal de Amaral e seu esposo, sr. José Alberto Fontes de Azevedo, e os professores do Colégio de Nossa Senhora da Graça, de Vila Nova de Milfontes, e teve a amabilidade, que agradecemos, de visitar o Jornal do Algarve, o nosso assinante sr. Manuel Guerreiro, comerciante no Alamo (Guerreiros do Rio).

Encontram-se em gozo de férias, em Vila Real de Santo António, as sr.ªs D. Maria da Encarnação Tenório Pedreira e filhas, D. Afonsina Casimiro de Lima e D. Maria da Encarnação Parra Baptista e sua filha, e os nossos assinantes srs. Luís Andrade Figueiredo, com sua esposa e filhas, José Pedro da Costa; Vítor d'Ávila Avelar; António José Rodrigues Rosa e João Manuel Bonança, acompanhados de suas respectivas esposas; e, com sua esposa e filhos, o sr. Manuel Alves Silva, residente em Lisboa; em Castro Marim, o sr. António Gordêiro Marques da Costa e esposa; no Azinhal, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal. Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

Está a passar uns dias com seus pais, na praia de Monte Gordo, o nosso comprouviano sr. eng. Fernando Abecasis Vargas Marques, e, com sua esposa, ficou residência em Vila Real de Santo António, o nosso assinante sr. Octávio Rafael Pinto, primeiro empregado da agência do Banco de Portugal.

Está a passar umas férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Jurriel Romeu dos Mártires Gomes.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filhas, o sr. dr. José Gomes de Horta Larisma; e em Alto Banzão (Colares) a sr.ª D. Felicidade Pato Taveira, com seu esposo, sr. Adão Taveira, e filhos.

centemente chegou de Bissau (Guiné) e regressou de Monchique à sua residência em Olhão o sr. Manuel Ribeiro Saías.

Casamentos

Na basílica de Nossa Senhora de Fátima celebrou-se o casamento da nossa comprouviana sr.ª D. Maria Telma Oeiras Correia, estudante universitária, filha da sr.ª D. Anete Oeiras Correia e do sr. Manuel Joaquim Correia, com o sr. Armando Jorge da Silva Reis Vieira, filho da sr.ª D. Maria Bárbara da Silva Reis Vieira e do sr. José Vieira. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais, e, pelo noivo, seus primos, sr.ª D. Maria Celeste Nunes e o sr. dr. José Manuel Nunes. O casamento foi servido aos convidados um copo-d'água na Estalagem de Fátima, tendo os noivos, que ficam residência em Lisboa, seguido para o Norte do País em viagem de núpcias.

— Na igreja paroquial de Algos realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Georgina, de Condeia Gonçalves Rodrigues, filha da sr.ª D. Maria Vitória e do sr. Joaquim Rodrigues Sabino, com o sr. Joaquim José Gordinho, funcionário da Carris, filho da sr.ª D. Maria Augusta do Espírito Santo e do sr. Armando Jorge da Silva Reis Vieira. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua mãe, Maria Teresa Mendes Catana e esposo sr. José Miguel Cabrita, e, pelo noivo, seu irmão, sr. Constantino Gonçalves Rodrigues, gerente comercial, e a sr.ª D. Julieta Resende e do sr. Horácio Cordeiro, sr. Luiz de Brito Neves, filho da sr.ª D. Maria Pilar do Brito Neves e do sr. Cristóvão António das Neves. Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Ilda Modesto Nunes e o irmão do noivo sr. João Manuel do Brito Neves, e, por parte do noivo, sua irmã sr.ª D. Maria Carolina do Brito Neves e o sr. João Alexandre Coqueiro Folque.

— Na igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em Vila Real de Santo António realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Germana Resende, filha da sr.ª D. Júlia Resende e do sr. Horácio Cordeiro, sr. Luiz de Brito Neves, filho da sr.ª D. Maria Pilar do Brito Neves e do sr. Cristóvão António das Neves. Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Ilda Modesto Nunes e o irmão do noivo sr. João Manuel do Brito Neves, e, por parte do noivo, sua irmã sr.ª D. Maria Carolina do Brito Neves e o sr. João Alexandre Coqueiro Folque.

Gente nova

Em Vila Real de Santo António teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a sr.ª D. Maria Natália dos Mártires Félix Cardoso, esposa do sr. Joaquim da Costa Cardoso.

Doentes

Deu entrada num hospital de Lisboa, a fim de se submeter a uma intervenção cirúrgica, a sr.ª D. Maria Natália dos Mártires Félix Cardoso, esposa do sr. Joaquim da Costa Cardoso.

Doentes

Deu entrada num hospital de Lisboa, a fim de se submeter a uma intervenção cirúrgica, a sr.ª D. Maria Natália dos Mártires Félix Cardoso, esposa do sr. Joaquim da Costa Cardoso.

AGOSTO PICAÑO

AGRADECIMENTO

A família de Augusto Picaño na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem por este meio, muito reconhecidamente, agradecer a todos que acompanharam a sua última morada aquele seu ente querido, bem como a todos que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Os graduados da M. P. da Escola Regional do Algarve receberam as insígnias na mata de Monte Gordo

Na mata de Monte Gordo, sob a presidência do chefe do distrito, realizou-se a cerimónia de entrega das insígnias aos graduados comandantes de «castelos» formados pelo curso «Nascimento Costas». Estavam também presentes, além do secretário-inspector da M. P., os presidentes dos Municípios de Vila Real de Santo António e de Tavira, o delegado distrital, dirigentes da M. P. e outras individualidades. O director da Escola de Graduados, sr. José Silvestre Prista Caetano, referiu-se ao significado da cerimónia apontando aos novos graduados o exemplo dado pelo patrono do curso, no cumprimento do dever que a missão lhe confiara.

O sr. governador civil procedeu depois à entrega das insígnias, dirigindo, no final, uma exortação aos rapazes, em número de 37. Seguiu-se um jantar de camaradagem, findo o qual se realizou a «Chama da Mocidade».

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Na mata de Monte Gordo, sob a presidência do chefe do distrito, realizou-se a cerimónia de entrega das insígnias aos graduados comandantes de «castelos» formados pelo curso «Nascimento Costas». Estavam também presentes, além do secretário-inspector da M. P., os presidentes dos Municípios de Vila Real de Santo António e de Tavira, o delegado distrital, dirigentes da M. P. e outras individualidades. O director da Escola de Graduados, sr. José Silvestre Prista Caetano, referiu-se ao significado da cerimónia apontando aos novos graduados o exemplo dado pelo patrono do curso, no cumprimento do dever que a missão lhe confiara.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

Monte Gordo

Vende-se casa mobiliada em Monte Gordo, na Rua Gaspar Corte Real, 8. Ver e tratar na parte da tarde.

PRAIA DE MONTE GORDO e CASINO OCEANO

... Contrista dizê-lo, mas é a dura realidade. A nossa Praia, de beleza inconfundível, já não pode admitir, nesta temporada balnear, mais veraneantes e turistas, por não ter alojamentos para os receber condignamente, sendo inúmeros os que regressam desolados, por não poderem ficar, para usufruírem os primores de que a Natureza a dotou.

Aqui se faz um apelo, aos homens da nossa terra, capitalistas de iniciativa, para quem a palavra bairrismo não é uma síntese, a fim de que se abalancem à perdurável tarefa de mandar construir uma pensão de 100 quartos, pelo menos, para ficar resolvido por alguns anos este delicado assunto.

O Hotel Vasco da Gama, de uma beleza sem par, que surgiu miraculosamente, e com inextinguível rapidez, das dunas locais, graças à tenacidade empreendedora da sua louável Empresa, e que hoje, apesar de sabermos da sua existência, nos surpreende, sempre que ante ele passamos, não pode resolver no todo o momento assunto da falta de alojamentos em Monte Gordo.

Chama-se também a atenção da Comissão Municipal de Turismo, que durante muitos anos esteve quase inactiva, para a necessidade de criar na nossa Praia, uma repartição (ou «bureau») de informação, para atender os nacionais que ali se instalam, e os nacionais e estrangeiros que nos visitam, e necessitam de informar-se de assuntos turísticos, regionais, e inclusivamente sobre normas camarárias, dos Serviços Municipalizados.

O Casino Oceano, segue na sua rota rutilante, proporcionando aos seus frequentadores, noites de esfuziante alegria, com as suas tradicionais festas e dancings, todos beneficiando do seu óptimo serviço de mesa.

SÁBADO, 2 de Setembro, extraordinário espectáculo no Casino com a actuação da grande atracção angolana

TRIO OURO NEGRO

Artistas que estão a merecer rasgados elogios da crítica

Direcção de DIAMANTINO M. BALTAZAR

LOTAS DO ALGARVE

de 24 a 30 de Agosto

Vila Real de Santo António

Albufeira

ARMAÇOES:	
Castelo	5.624\$00
Olhos de Água	1.247\$00
Santa Eulália	222\$00
Artes diversas	50.148\$00
Total	57.272\$00

Armação de Pera

Artes diversas	54.411\$00
--------------------------	------------

Praia de Salema

Artes diversas	1.048\$00
--------------------------	-----------

SAGRES

Artes diversas	80.849\$00
--------------------------	------------

VEEDOL

O ÓLEO MAIS AFAMADO DO MUNDO

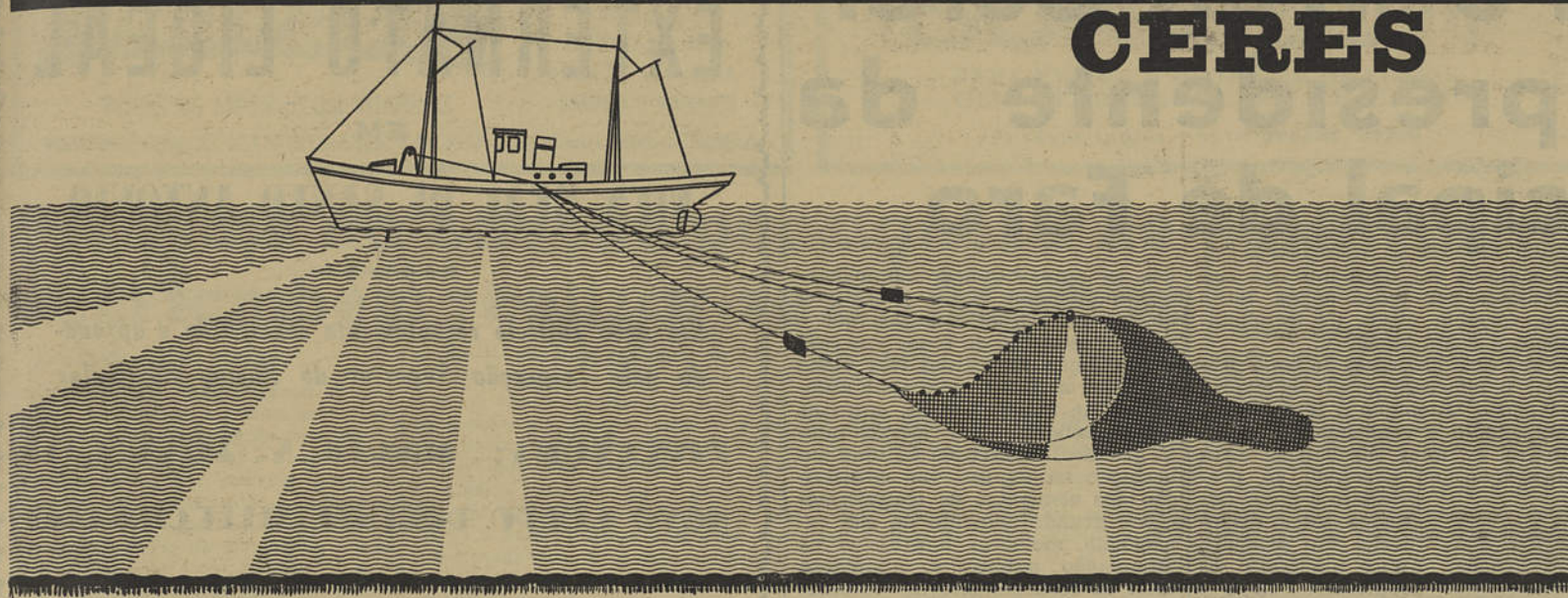
de 23 a 30 de Agosto

Olhão

TRINEIRAS:	
Portugal 5.º	42.080\$00
Fernando Carlos	30.880\$00
Temporal	27.805\$00
Costa Azul	26.482\$00
Nova Senhora da Piedade	24.525\$00
Estrela do Sul	23.888\$00
Mar de Prata	20.404\$00
Clarinha	17.197\$00
Alcérim	12.967\$00
Alvarito	11.189\$00
Sr.ª da Saúde	10.488\$00
Restauração	10.465\$00
Sr.ª da Encarnação	10.500\$00
Leste	7.580\$00
Salvadora	6.780\$00
Trío	6.255\$00
Brisa	5.710\$00
Oeste	5.590\$00
Belniceite	5.158\$00
Lestia	4.800\$00
Estrela do Sul	4.521\$00
Audaz	4.180\$00
Conceçãnta	4.000\$00
Estrela de Maio	3.578\$00
Flor do Guadiana	3.276\$00
Tufão	3.212\$00
Noroeste	3.096\$00
Vulcão	2.890\$00
Agadão	2.880\$00
Norte	1.880\$00
Pérola do Guadiana	258\$00
Total	542.501\$00

de 17 a 30 de Agosto

Kelvin Hughes *



CERES

SONDAS PARA DETECÇÃO E PESQUISA DE PEIXE

A nova sonda KELVIN HUGHES "CERES" combina as vantagens da detecção horizontal antecipada dos cardumes com uma mais exacta localização vertical. Pode ter, como acessório, um indicador vertical, de rêde, para controle rigoroso de arrasto.

CONSULTE OS REPRESENTANTES **C. SANTOS LDA.**
LISBOA - PORTO - COIMBRA - OLHÃO

* A marca que equipa as mais importantes unidades mercantes e de pesca nacionais

Impõem-se limpezas no Largo de S. Sebastião em S. Brás de Alportel

S. BRÁS DE ALPORTEL — O Largo de S. Sebastião e suas imediações, são as artérias onde se centralizou o tráfego rodoviário proliferando em abundância os cafés, as mercearias e todo o género de comércio moderno.

Paragem obrigatória de dezenas de carreiras de camionetas, dele estas irradiam para diversos pontos do País, numa azáfama constante, visto que duas estradas de primeira ordem ali se cruzam, nos sentidos Norte-Sul e Nascente-Poente. Não admira, pois, que o largo seja considerado a sala de visitas de que S. Brás legitimamente se orgulha.

As salas de visitas, porém, costumam ser limpas e arrumadinhas, higiénicas e convidativas, de molde a deixarem impressão agradável. Parece-nos, todavia, que aqui se dá o contrário, pois no celebrado largo somente podemos patentear paredes sujas, como as do edifício dos C. T. T. que são refractárias à cal, e essa mole imensa que é o prédio onde se instalou o Clube Recreativo 1.º de Dezembro, cujas portas, janelas e paredes estão num estado deplorável, com triste aspecto de miséria. E para completar o quadro desolador, as ruínas de Ossónoba erguem-se imponentes para o céu, a desafiar o tempo, em pleno contraste com o moderno casario próximo, honrosa excepção que devidamente se realça.

Ao centro, o monumento a Bernardo de Passos, o lírico entendedor, testemunha muda e eterna das vaidades humanas, cujo bronze assenta num pedestal de fria expressão arquitectónica, sem luz nocturna e sem as flores que ele cantou na sua obra maravilhosa.

Se não houver um pouco de capricho e de vaidade, poderemos chamar ao Largo de S. Sebastião a nossa sala de visitas? A bem da nossa terra, a resposta pode e deve ser dada, concretamente e com toda a urgência.

Limpeza de poços — Após o nosso reparo sobre a impossibilidade de conveniente utilização de alguns poços, é com prazer que registamos as justas medidas tomadas pela Câmara Municipal, mandando uma brigada de operários proceder à limpeza de todos os poços do concelho, a qual se impunha para pôr termo à falta de água potável que se registava e causou o maior regozijo na população.

— F. Clara Neves

"MORALIDADES DAS BARCAS" um êxito do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

to idealista e valoroso que tudo sacrificava em prol do teatro, as nossas homenagens e o preito da nossa sincera admiração — pelo que valem como artistas, pelo seu esforço persistente e por esta magnífica noite de teatro, com que mais uma vez brindaram e honraram a cidade de Faro.

Mestre Gil Vicente, ele, o escritor e a sua época, dominaram a noite vivida na Alameda, no cenário poético e empolgante do largo do lago, reflectindo nas águas as figuras e ideias arrancadas pelo escritor quinhentista à vida do seu tempo. Obra sempre actual, «Moralidades das Barcas» (trilogia dos autos do Inferno, Purgatório e Glória), encerra o problema do homem e do seu fim. É por isso que os autos de Gil Vicente, volvidos os séculos que nos separam da sua passagem na terra, sendo obra clássica, têm a sua actualidade, o seu momento presente, como reflectores de anseios e constantes humanas. E embora arriscada, a escolha da peça pelo Grupo de Teatro do Círculo, foi feita em boa hora e dentro da linha certa dum elenco que tinha atrás de si o valioso palmarés de haver encenado «O Grande Teatro do Mundo», de Calderon de la Barca e a tragédia «Castro», de António Ferreira, que só por si definem o que querem e o que valem os amadores farenenses.

Mais uma vez, teatro ao ar livre... Tem o sr. dr. Campos Coroa uma forte inclinação para promover os seus espectáculos em ambientes onde a peça melhor se enquadra e o público é chamado a viver e a conhecer o seu sentido.

Na realidade, o teatro ao ar livre é mais autêntico quando se trata, como no caso presente, de temas clássicos. A escolha do lago da Alameda João de Deus, para representação da «Trilogia das Barcas» foi integralmente feliz. A iluminação à maneira medieval, à luz de archotes e vasos de estearina, colaborou em grande parte no êxito alcançado, quer pela originalidade da ideia, quer por dar ao ambiente uma nota «verdadeira» do quadro e época em que a peça foi escrita e pela primeira vez encenada.

Extra-concurso foi representada a «Súplica da Cananeia». A intérprete,

sr.ª dr.ª Maria Amélia Campos Coroa cujo valor é de todos conhecido, galvanizou a assistência com esta sua interpretação. Na sua voz, transparecia todo o drama forte que o texto contém e que os seus dotes artísticos tão bem souberam retratar.

Na «Voz de Cristo», o sr. dr. Campos Coroa esteve como habitualmente bastante bem. Valeu a pena ser acrescentada ao programa a «Súplica da Cananeia», pois é difícil e raro assistir-se, entre nós, a tão belos momentos interpretativos. Plena de arte e magnífica intérprete, a sr.ª dr.ª Maria Amélia Coroa demonstrou mais uma vez a vasta gama dos seus recursos artísticos.

O cenário, a cargo de João Reis, esteve excelente. Este jovem, de vinte e reduzidos anos, tem sido uma dedicação ao teatro. É actor (quem não se lembra dos «Malefícios do Tabaco?»), encenou peças («O homem da flor na boca», «Todo o Mundo e Ninguém» etc.) e agora como cenarista deu belas provas do seu poder.

Simplex, como convinha, João Reis, soube criar o ambiente necessário à feliz representação da obra vicentina, e foi, estamos certo, um dos grandes colaboradores da alma do espectáculo, o sr. dr. Campos Coroa, director artístico do Grupo.

É da maior justiça, realçar o quanto deve a cidade a este homem de Teatro. Sabidas as condições em que vive toda a actividade cénica e particularmente o teatro de amadores, é de admirar quem lhe dá o melhor do seu esforço e boa vontade, para que ele prossiga na tarefa educativa que lhe cumpre. O sr. dr. Emilio Coroa, cuja vinda para Faro foi o impulso de realizações de que a cidade andava tão carecida, tem criado além dos espectáculos promovidos, um escol de artistas verdadeiros, sobretudo por serem amadores, que sentem e vivem o teatro.

Oxalá, a sua obra prossiga e o seu entusiasmo e dedicação não esmoreçam ante as dificuldades, que tantas vezes surgem. Faro, através do teatro e do Grupo sob a sua direcção, tem alcançado justo prestígio nos concursos do S. N. I.

Os intérpretes, como assinalámos, estiveram bastante bem. Aurélio Madeira, no «1.º diabo», parece-nos um dos mais sérios concorrentes aos prémios individuais, pois a sua actuação esteve magnífica — dicção perfeita, gesticulação excelente e presença no palco, que a todos convenceu. Os restantes cumpriram e bem, assinala-se. O conjunto primou pelo equilíbrio e espírito de unidade. Dida Calvário, Salomé Rolão, Alzira Filhó, João Veríssimo, Carlos Martins, Féria Pavão, Severiano Cunha, Miguel Tinoco, João Reis, Amílcar Quaresma, Dourado Coelho, Sérgio Madeira, Fernando Sousa, Rui Rebocho, José Pontes, Joaquim Teixeira e Jorge Cartuxo convenceram inteiramente a assistência, que lhes tributou os maiores aplausos.

VISTORIAS A HABITAÇÕES em Vila Real de Santo António

O Ministério da Saúde e Assistência aprovou, por portaria, a deliberação da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António que estabelece um aditamento à postura sobre vistorias a habitações para efeitos de beneficiações higiénicas em vigor no mesmo concelho, pelo qual se torna extensiva a isenção às edificações novas e às que em virtude de obras levadas a efeito necessitam de vistoria a todo o fogo ou fogos para concessão da respectiva licença de utilização.



RIV

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS

ESMERADO FABRICO ITALIANO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO: **AUTO-LUSITANIA** AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

Prédio

Vende-se na Senhora da Rocha, acabado de construir, estilo moderno com óptimas condições. Situação privilegiada, de onde se desfruta um panorama surpreendente. Tratar com Bento Alves Duarte — Armação de Pera.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje
Julgava nunca esquecer, Mas afinal conseguiste!... Tudo passa, e a meu ver, Só a saudade persiste.
Aida Cunha e Silva

O doce nunca amargou
E aqui temos o 3.º prémio do Concurso de Cozinha e Doçaria Portuguesas: Morgado de figo, de Hermano Nascimento Baptista, Estalagem S. Cristóvão — Lagos. 1 quilo de figo torrado, 1 quilo de amêndoa torrada, 1 quilo de açúcar, 100 grs. de chocolate em pó, 20 grs. de canela, 5 grs. de erva doce, raspa de 1 limão normal e 1/2 litro de água. Os ingredientes são primeiramente moídos, cada um por si. Num tacho de arame deita-se a água, o açúcar, a canela, a raspa de limão, a erva doce e chocolate. Leva-se ao lume até que fique em ponto de cabelo. A seguir junta-se a amêndoa, mexendo sempre, deixando-se ferver durante 5 minutos. Seguidamente deita-se o figo moído continuando a mexer e deixando ferver por mais 5 minutos. A parte, polvilha-se uma tábuca com açúcar pilé, sobre a qual se despeja a massa até esta arrefecer. Logo que esteja fria, talhamos o morgado, bolos pequenos, presunto, etc., conforme a fantasia de cada um.

Gambém na cozinha se pode ser artista
Pargo recheado — 1 pargo (garoupa) de 1,5 quilo, 70 grs. de margarina, uma chávena de miolo de pão, 1/2 chávena de arroz cozido, 1 colher de sopa de cebola picada, 1 colher de sopa de aipo picado (facultativo), 2 ovos, 1 copo de vinho branco. Escame, lave e tire os intestinos ao peixe. Faça-lhe vários golpes dos dois lados. Tempere-o com sal, pimenta, sumo de limão e um fio de azeite, meia hora antes de o cozinhar. Misture o miolo de pão embebido em leite com arroz cozido. Coza num pouco de margarina a cebola picada e o aipo. Adicione salsa, 1 ovo cozido picado, 1 ovo inteiro cru, sal e pimenta. Junte tudo ao preparado de pão e arroz. Encha o peixe com este recheio. Polvilhe-o com pão ralado e nózinhos de margarina. Durante a cozedura que será de 60 minutos pouco mais ou menos, regue o peixe com o molho da assadura.

O sal e o gado
Quando os animais estão submetidos durante muito tempo a um regime alimentar desprovido de sal comum e passam a dispor,

mais tarde, de grandes quantidades deste produto, podem originar-se no gado intoxicações que, em certos casos, assumem aspecto grave. A intoxicação aguda foi observada em gado vacum e caprino, considerando-se que as suas doses tóxicas para o primeiro é de um a dois quilos, enquanto que para as cabras bastam de 150 a 250 gramas. Os animais afectados por este tipo de intoxicação manifestam uma grande sede, alternativas de excitação e calma ou debilidade, dores abdominais, semelhantes à cólica, colapso e, às vezes, morte súbita. Quando o mal não é tão agudo, não é raro manifestarem-se diarreias sanguinolentas. A administração de sal comum à discrição nos suínos, dando lugar a que estes ingiram o que lhes apeteça, provoca, também, intoxicação grave que se manifesta por alterações de tipo nervoso e febre persistente.

Lula contra a surdez
Um novo método para o diagnóstico objectivo auditivo, vem sendo estudado pelo dr. Ingmar Klockhoff, do Hospital Carolino de Estocolmo. O método visa descobrir se a má audição é provocada pela função reduzida da cadeia óssea do ouvido — o martelo, bigorna e estribo atrás do tímpano — e assim possibilitar a cura mediante uma intervenção cirúrgica. O sistema foi descrito numa tese doutoral recentemente apresentada com o título de «Reflexos musculares do ouvido médio no homem». Diz-se que a inovação é indolor, para o paciente. Os efeitos dos dois músculos sujeitos à cadeia óssea do ouvido são anotados num aparelho registador. A possibilidade de registar os reflexos baseia-se no facto de que ocasionam mudanças na capacidade do tímpano de reflectir um som dirigido até o plano do mesmo, por intermédio de um dispositivo introduzido no canal auditivo, durante a prova. Se a pessoa que sofre de má audição se submete à prova e se é possível registar os reflexos musculares do estribo, qualquer operação carecerá de sentido.

É agora não ria!
Um sujeito diz ao mandarete do casino: — Foste ao alfaiate, como te disse? — Sim, senhor. — E o meu fato? — Disse-me que só o entrega quando eu lhe levar o dinheiro. — E não lhe poderias ter dito que ainda és muito pequeno para eu te entregar tamanha quantia? — Disse, sim, senhor, mas ele respondeu que voltasse lá quando fosse grande.

Guarda-livros

A. Vicente Campinas ex-guarda-livros da firma José António Ritta, de Vila Real de Santo António, oferece-se.

Foi entregue a concessão do fornecimento de energia eléctrica ao Algarve à Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

EMÍLIO CAMPOS COROA
Médico Especialista
DOENÇAS DOS OLHOS
Consultas em Tavira, no Montepio Artístico Tavirense, todas as sextas-feiras, pelas 11 horas

Foi entregue à Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a concessão do fornecimento de energia eléctrica em alta tensão aos serviços públicos e a entidades particulares ou serviços de Estado ou dos municípios de todo o Algarve. A concessionária, além das instalações que já possui, terá que executar mais as seguintes, dando-se-lhe o prazo de um ano para a primeira fase: linha a 15 kV Castro Marim-Alcoutim; linha a 15 kV Bensafim-Aljezur; ligação das linhas a 60 kV Ferreira do Alentejo-Beja e Ferreira do Alentejo-Loulé à subestação 150/60 kV da Companhia Nacional de Electricidade, a construir oportunamente na primeira das localidades citadas; construção da linha a 60 kV de ligação da subestação de Loulé à subestação 150/60 kV da Companhia Nacional de Electricidade, a construir oportunamente na região.

Subestação 30/15 kV, em Lagos, com a potência inicial de 2.000 kVA, uma entrada a 30 kV, três saídas a 15 kV e duas saídas de reserva. Duplicação das potências instaladas nas subestações de Beja, Loulé e Portimão, que ficarão com as seguintes características: Beja, 2 x 10.000 kVA; Loulé, 2 x 10.000 kVA; Portimão, 2 x 2.000 kVA.

Adaptação da subestação de Loulé para ligação à subestação 150/60 kV da Companhia Nacional de Electricidade, a construir oportunamente na região.

A duração da concessão é fixada em 67 anos e entre as penalidades estabelecidas durante 50 horas seguidas ou 100 interpoladas no prazo de um ano poderá ser motivo de rescisão.

Lotaria Especial de Assistência a Cegos

2 SÉRIES

cada uma de 74 000 bilhetes, divididos em oitavos

8 169 600\$00

distribuídos por muitos prémios

1.º PREMIO 3 200 000\$00

2 Bilhetes 200\$00 - 1 Bilhete 100\$00 - Oitavos 12\$50 (PELO CORREIO MAIS 2\$50)

Ajude a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa na sua cruzada de bem-fazer

JOGUE NA LOTARIA

E se quiser dinheiro aos maços habilite-se nos

TRAVASSOS

Rossio, 42 - R. da Palma, 43 - Apartado 2038 - LISBOA 2 - Tel. 86 45 33 - Teleg. «GALOTARIAS»

STÜBBE

Palmilhas e capas para saltos use e andarás melhor

Chegou nova remessa
Distribuidor — C. Santos Carvalho
Apartado 1096 — LISBOA

A entrevista com o sr. dr. Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro

(Continuação da 1.ª página)

— Podemos fazer perguntas indiscretas?
— Não há pergunta que não tenha resposta.
Assim gostamos nós. E começamos.

O aeroporto, problema fundamental do turismo algarvio

Começamos precisamente pelo assunto de mais transcendente importância, o ponto que dominava a nossa curiosidade.

— Que se passa com o aeroporto?
O sr. dr. Luís Gordinho Moreira, sem hesitações, sem «caixinhas», coloca-nos, e por tabela aos nossos leitores, ao corrente do pé em que se encontra o velho sonho algarvio.

— Se bem que a Câmara Municipal tenha tido marcada acção no problema do aeródromo, preste toda a colaboração, dê o melhor do seu esforço e se disponha mesmo a sacrifícios de natureza financeira para a realização dessa obra indispensável à valorização do turismo regional, o certo é que, pela sua natureza e pelas verbas que implica a sua construção, o problema do aeródromo ultrapassa o âmbito municipal.

«Não depende, pois, da Câmara a realização que se projecta. Isso não significa que ela não esteja atenta à evolução do problema e pronta à intervenção que lhe pertencer e seja conveniente. Pode afirmar-se que, resolvidas certas formalidades quanto ao financiamento, formalidades que se encontram em marcha, se entrará em activa fase de aquisição de terrenos e de execução da obra.

— Que poderá ser... quando?

— A notícia que todos esperam e cuja demora tem sido motivo de algum desespero de quem desconhece pormenorizadamente o caso, pode surgir de um momento para o outro, mas também pode demorar mais do que desejariamos. Tenhamos todos calma. É de tal importância para o desenvolvimento turístico do Algarve essa obra — e o desenvolvimento turístico da nossa Província é de tal interesse nacional — que o aeródromo não pode deixar de ser feito e dentro de muito breve tempo!

— Sr. presidente: queríamos números. Em quanto importará? E quanto tempo será necessário para a sua realização?

— Custará algumas dezenas de milhares de contos, estando a pista e as obras fundamentais orçadas em 25.000.000\$00. O tempo de construção será muito reduzido dada a natureza e topografia do terreno em que se localiza. Uns escassos meses.

— Há ainda o problema da estrada de acesso. Cremos que a Câmara já tem algo planeado nesse sentido...

— Sim, a estrada de acesso está já definida. Será integrada no plano rodoviário nacional e executada pela Junta Autónoma de Estradas. Terá o seu início no cruzamento da actual estrada nacional que sai de Faro para Loulé com a estrada de circunvalação exterior de Faro, e que se situa um pouco adiante do local onde se encontra o novo edifício da cadeia comarcã. Sobre este assunto estávamos elucidados. Lançamos outra carta do nosso baralho indiscreto.

A história triste do Hotel Aliança

Já nestas mesmas colunas, e por mais que uma vez, foi referido o facto de o Hotel Aliança — o único hotel da cidade — que há alguns anos recebeu profundas obras de alargamento e modernização, manter ciosamente a virgindade dessa parte nova, continuando apenas em funcionamento a que já existia antes da construção do sector inválido.

E como nos constasse que a Câmara, naturalmente empenhada em ver solucionado esse óbice para o incremento turístico que se pretende, tinha uma posição definida no caso, fomos a questão ao sr. dr. Gordinho Moreira.

— A história do Hotel Aliança — declara-nos — é uma das histórias tristes desta cidade, da absoluta responsabilidade dos seus proprietários e resultante da sua incapacidade de apreciação do problema. Património individual, não só não rende o que o investimento justificaria, como também está a deteriorar-se a ponto de serem certamente necessárias obras dispendiosas de conservação do existente, quando o pretenderem pôr em funcionamento. Além de que tem dado à cidade prejuízos de certa monta, impedindo que tenham sido obtidos os benefícios que necessariamente traria a possibilidade de conveniente instalação, anualmente, de muitas centenas de turistas.

— Tem a Câmara pedido a in-

tervenção dos serviços do Secretariado e já mesmo promoveu uma reunião de todos os interessados, em que largamente se debateu o problema. Nessa reunião se chegou à conclusão unânime de que a mais conveniente solução seria a venda do hotel. Foram publicados anúncios, houve certamente interessados, mas não se saiu do pon-



O edifício do Hotel Aliança só em parte aproveitado

to morto em que se tem estado. Não permite a lei qualquer outra espécie de intervenção. E é pena, pois talvez se encontrasse solução mais conforme com o interesse geral.

E a concluir:
— Esperemos que outras iniciativas em marcha, venham modificar o estado actual do problema das instalações hoteleiras em Faro e que dentro de dois ou três anos se não sinta já tão grandemente o prejuízo que aquilo representa para a cidade.

O número de pisos das novas construções — um caso de que se fala

Nas mesas dos cafés fala-se disto e daquilo. Fala-se muitas vezes da cidade, o que não é mais que uma manifestação de baurrismo, de vontade de a ver sem problemas nem complicações. Nem sempre se falará com absoluta consciência e acerto. Mas a intenção, estamos certos, nunca é má.

Tem andado na baila, ultimamente, em variadíssimos tons — mesmo em tom de crítica acerba — o facto de em zonas de construção recente se não haver permitido prédios com mais de dois pisos. Que se trata de uma determinação camarária, diz-se, de que está a resultar uma excessiva dilatação da área citadina, o que acarretaria à Câmara pesados encargos: mais pavimentações, mais rede de água e de energia eléctrica, mais rede de esgotos...

— Será realmente assim? — inquirimos do nosso entrevistado, depois de o informarmos da «voz do povo». E não foi preciso interrompê-lo com mais perguntas pois o sr. dr. Gordinho Moreira, em resposta à que lhe formulámos, nos deu pormenorizada explicação da forma como o assunto se processa:

— Não existe qualquer determinação camarária especial quanto ao número de pisos dos edifícios da cidade. Nas suas linhas gerais o problema é o seguinte: a altura dos edifícios — e portanto o número de pisos — a construir em zonas antigas é definido, de acordo com o Regulamento Geral de Edifícios Urbanos (de aplicação em todo o País) pela largura dos arruamentos em que se situam e que não deverá ser ultrapassada, salvo excepções previstas naquele diploma legal.

«Nas zonas novas a sua fixação é dada pelo regulamento do plano de urbanização, estudado por técnicos especializados e aprovado pelo Ministério das Obras Públicas. Essa fixação é indispensável e não pode ser alterada ao sabor do prazer de cada um, ou dos interesses seja de quem for. E a razão é simples: é que disso depende o estudo dos elementos de urbanização indispensáveis à vida dos aglomerados. As redes de abastecimento de água, de energia eléctrica e de esgotos são estudadas para cada zona, de acordo com o serviço que serão chamadas a prestar. E uma vez estabelecidas as redes, de acordo com o que foi fixado em plano de urbanização, se se permitissem profundas alterações no número de pisos (a subida de um piso numa zona em que se fixaram moradias de dois implica um aumento de densidade de ocupação de 50%) cedo se verificaria a insuficiência das redes executadas, com todas as consequências perturbadoras da economia da administração, da eficiência dos serviços e consequentemente da comodidade dos utentes.

«Mas o problema ainda tem outros aspectos. Vejamos: quando se urbaniza uma zona da cidade, transforma-se, mercê de despesas avultadas, um terreno, ou improdutivo ou rústico, em terreno para construção. É legítimo e moral que seja deduzida ao valor atingido pelo terreno a importância dispendida com as obras de que resultou essa valorização. De contrário, seriam o Município e o Estado a despendem, com a valorização do pa-

trimónio de um, o produto das contribuições por todos pagas. Seria uma fórmula nítida de locupletamento à custa alheia...

«Por dois processos se pode proteger o interesse geral: ou expropriando o Município o terreno, urbanizando-o e vendendo em hasta pública os lotes disponíveis para construção, ou deixando ao proprietário a posse dos citados lotes disponíveis. No primeiro caso liquidará ao proprietário, além do valor real fixado para o terreno, uma percentagem sobre a diferença entre esse valor e o que foi obtido na venda; no segundo cobrará, em relação a cada lote, uma importância fixada a que se chama «mais valia», precisamente destinada a compensar os encargos com as obras de urbanização. A esta fórmula corresponde a que tem sido utilizada pela Câmara de Faro, que fixou, em relação a certas zonas, o valor da indemnização a pagar pelos proprietários».

Esta introdução era indispensável para se compreender certo aspecto da questão.

— O contrato com os proprietários é feito de acordo com a urbanização definida e, para a fixação da verba a pagar ao Município, é dos elementos fundamentais o maior ou menor aproveitamento do terreno. E aqui temos: fixada a importância da «mais valia» ou da indemnização aludida, se vem a ser permitido ao proprietário alterar o número de pisos, fica alterado um acordo para benefício individual e com consequências, que podem ser graves, em futuro próximo, na eficiência dos serviços públicos. Não sei objectivamente a que zona da cidade se alude, mas as razões são as que acabo de lhe dizer.

Mas sobre esta mesma questão o nosso entrevistado esclarece ainda:

— Quanto ao alargamento da cidade, tendo os seus inconvenientes, que não são tão perturbadores da administração municipal como parece a pessoas menos esclarecidas, tem também as suas vantagens, de vários pontos de vista. Estas sobrepõem-se àquelas se a administração, atenta como deve estar sempre, evitar, como pode, os prejuízos que na realidade são insignificantes. Quanto ao que se diz, isso depende, quase sempre, da origem e dos interesses que estão na base do que se diz.

E a finalizar a dissertação do presidente da edilidade sobre este assunto, um capítulo que nos diz directamente respeito:

— Cabe à Imprensa largo papel no esclarecimento da opinião pública e os serviços municipais estão sempre à inteira disposição seja de quem for, para informar e esclarecer. É uma das suas obrigações que cumprem amplamente, sem reservas e muito gostosamente.

A pavimentação e a electrificação das ruas da cidade

Em Faro, há bem pouco tempo, abundavam as ruas de «terra batida» e a iluminação era um fracasso. Ainda há artérias poeiratas; ainda há ruas sem luz. No entanto, tem sido evidente o progresso nestes dois aspectos de primacial importância.

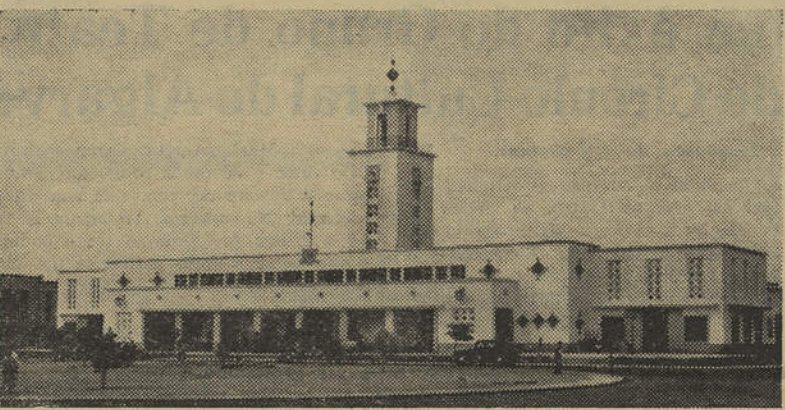
— Poderá a Câmara manter o ritmo em que tem vindo a desenvolver a sua acção?

— Os problemas da pavimentação e da distribuição de energia eléctrica são dos mais importantes

que se apresentam à administração municipal. Este último foi objecto da atitude enérgica que é do conhecimento de todos e a rede e instalação respectiva têm vindo a receber melhorias que eram absolutamente indispensáveis, entre as quais remodelações e reforços muito grandes, construção de uma subestação na Penha com substituição dos elementos de transformação e grande aumento da sua capacidade, melhoria substancial na iluminação pública e eliminação total do fornecimento em corrente contínua. Isso se cifra por alguns milhares de contos gastos, sem comparticipação, o que não era viável de acordo com a legislação reguladora.

— E no que toca aos pavimentos?

— Em variadíssimas oportunidades, em relatórios de gerência e planos de actividade, que têm tido larga divulgação e publicidade, tem a Câmara Municipal mostrado a importância do problema e dado público conhecimento do seu volume e dos meios de que dispõe para o resolver. O problema dos arruamentos não é apenas o dos pavimentos, mas implica o conjunto pavimento-rede de abastecimento (electricidade, águas e esgotos). Concluídos os projectos gerais da remodelação das redes de águas e de esgotos, que não tinham sido elaborados — e cuja solução simultânea com os pavimentos é indispensável — estabeleceu-se, de acordo com as disponibilidades municipais e com as comparticipações possíveis do Ministério das Obras Públicas, um plano de trabalhos



O mercado de Faro cujo largo fronteiro vai ser ajardinado

cuja execução será evidentemente demorada (o valor do conjunto, aos preços actuais de materiais e mão-de-obra, da ordem dos 30 mil contos...) mas em que se despendirá anualmente mais de dois mil. Sorriundo:

— Claro que, na generalidade, cada um julgará que, na ordem de prioridade, a reparação da rua onde tem prédios ou onde mora, é

Mário Antunes

LANIFICIOS

CASA FUNDADA EM 1918

Telef.: 22024 COVILHÃ Apartado: 172



HÁ MAIS DE 40 ANOS

que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanifícios para fatos de Homem, Senhora e Criança.

Se V. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos, faça uma experiência.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS:

veja as qualidades, preços e descontos e verificará da conveniência em passar a ser meu cliente.

Não tenha receio de fazer qualquer encomenda, porque todos os artigos que não agradem serão aceites como devolvidos e restituída a respectiva importância.

Balcão-expositor

Vende-se, muito barato, em meia-lua, com vidros grossos, próprio para Bazar, casa de louças e vidros, etc. Informa-se nesta Redacção (1131).

EXTERNATO LICEAL

EM

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Em novo edificio recentemente construido e aprovado pela Inspeccão Superior do Ensino Particular

DIRECTORA: MARIA S. JOSÉ CID

NOVO CORPO DOCENTE SELECIONADO

Matriculas, 1.º e 2.º ciclos, na Secretaria do Externato, Rua Ministro Duarte Pacheco, de 1 a 13 de Setembro

mais importante e deve preceder todas as outras...

E com firmeza:
— O plano prosseguirá em ritmo de execução que se espera, caso motivos imprevistos o não impeçam, seja cada vez mais acelerado!

No fim do ano corrente deve ser resolvido o problema dos transportes urbanos

Falou-se muito nisto, há tempos. Que a Câmara tinha em projecto a criação de um serviço de transportes, em autocarros, servindo as

população, indispensável se torna pensar no que pode constituir, por condições próprias ou por localização, motivo de atracção para os turistas de outras terras e de outros países. Cite-se, por exemplo, que a vastidão da sua ria a coloca em lugar de primeira ordem para a prática de desportos náuticos. Essa e outras qualidades próprias, bem como a localização junto do futuro aeródromo e da capital da Província, natural centro da grande região de turismo que é o Algarve, criarão problemas de natural expansão e de instalação de centros de diversões, de estadia e de convívio social que a afluência de turistas naturalmente provocará.

E após uma pausa:

— Constitui activa preocupação a solução do problema do espaço. Julga-se ter achado processo inédito de o resolver. Ultimados os estudos preparatórios que se estão fazendo se verificará da viabilidade do empreendimento. E cedo para avançar uma notícia; a seu tempo será dada.

— Ora, para tudo isso serão necessárias verbas elevadas, não é assim?

— Para tudo realizar, evidentemente, é indispensável dispor de meios financeiros. Na solução desse problema grande parte cabe à colaboração do público, afinal o principal beneficiário. Necessário, pois, é que cada um não procure eximir-se ao pagamento do que deve e faça esforços no sentido de conservar e fazer durar algo do que vamos possuindo, e que, não sendo de ninguém individualmente, é património comum de todos.

— Há um ponto que queremos focar: a ponte. A Câmara por certo está ao corrente das dificuldades de trânsito que a sua pouca largura tem causado...

— A ponte de acesso, que o tempo demonstrou ter insuficiente largura, não constitui motivo de grave perturbação nem de prejuízo sério. Um pouco de atenção e sobretudo de educação cívica evitariam alguns poucos incómodos e problemas que têm surgido do facto de dispor apenas de uma linha de trânsito. Está, no entanto, já elaborado o projecto de alargamento que só se não executou porque, tendo ruído inesperadamente a ponte de acesso à sede da freguesia da Conceição, não seria boa norma de administração proceder ao alargamento de um acesso já existente para a praia, antes de restabelecer outro a uma sede de freguesia, que as intempéries tinham destruído.

E a encerrar agradavelmente este assunto da praia, o sr. dr. Gordinho Moreira...

(Continua na 7.ª página)

J. T. Mascarenhas Pacheco

Médico Especialista

Doenças do Coração

Electrocardiografia

Ex-interno do Serviço de Cardiologia do Hospital

— de Santa Maria —

Consultas diárias das 15 às 20 horas

(marcam-se consultas pelo telefone)

Grav. Juens, 3-1.º — Telef. 450

FARO

Feira Franca na Luz de Tavira

Na progressiva freguesia da Luz de Tavira realiza-se na segunda e terça-feira a feira franca anual que costuma ser muito concorrida de quinilharias e vários géneros, funcionando o mercado de gados na propriedade do sr. Tomás Simões Pires.

No primeiro dia, às 22 horas, haverá um baile abrilhantado pela Orquestra Molero, de Huelva, queimando-se fogos de artifício.

badedás
BANHO DE ESPUMA COM VITAMINAS
DISTRIBUIDOR GERAL: C. SANTOS CARVALHO-Apartado 1096-LISBOA

PARA A MÃE:
PELE MACIA E PERFUMADA
PARA O PAI:
LIMPEZA E BEM-ESTAR
PARA AS CRIANÇAS:
HIGIÊNICO E INOFENSIVO

É AGORA... QUE DEVE COMPRAR
DURA-GLIT
PARA EVITAR E PROTEGER DA FERRUGEM OS CROMADOS DO SEU CARRO
Produto inglês — Lata grande 20\$00

Loulé... em retrato



Festivais da canção portuguesa devem também realizar-se no Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

portuguesas que conheci tenho as melhores recordações das do Algarve por serem parecidas com as do meu querido Brasil. Perto de nós e a corroborar Mara Abrantes, o compositor Eduardo Loureiro e a esposa não se cansavam de evocar as maravilhosas férias que o Algarve lhes tem proporcionado. Como director musical deste certame da música portuguesa solicitámos-lhe o seu autógrafo a que acrescentou: «Se o Minho é lindo, se as Beiras são admiráveis, que dizer então das praias algarvias?».

A conversa prosseguiu, longo tempo, com pormenores e às vezes observações amargas do que nos falta em matéria turística, para que estejamos em condições semelhantes à Figueira da Foz. Quando poderemos receber, servir e prender o viajero ou o turista mais exigente? Perdemos a conta das vezes em que os nossos interlocutores remetavam os seus elogios à paisagem, ao clima, à luz e às gentes, com a curta mas sintética interjeição: que pena, que pena! Shagundo Galarza, receoso de que não traduzissemos com fidelidade de esta lamentação, insistia: «Não esqueça de findar o artigo com a mágoa que todos sentimos por ver tanta beleza mal servida».

Estivera recentemente três semanas, lá, com a família e escrevi-nos: «Adoro o Algarve, que maravilhosa de clima e playas (sic). Que pena não estejam melhor aproveitadas!»

Quando do alto da Serra da Boa Viagem, onde a gentileza do casal Loureiro nos quis levar, contemplámos, gulosamente, uma enorme massa líquida mais azul do que seria de esperar, os olhos da alma voaram no mais rápido «facto» do Mundo para essouto azul, tão característico do mar algarvio. E em cores, temperatura da água, limpeza e mansidão oceânicas, ninguém se atreveu a repetir o lamentoso «que pena, que pena», como sucedera ao meter o dedo na chaga do turismo. Eis-nos mais confortados para prosseguir na recolha de opiniões. Estabelecemos que apenas anotaríamos o parecer de quem não fosse algarvio, para manter imparcialidade.

«Como as nossas praias valiam um festival destes!» — disse-nos Maria de Fátima Bravo

Escutámos a esposa do maestro Tavares Belo, director filho de Faro e apreciado culto da nossa música; vibra e aprecia as belezas da nossa Província como se nela houvesse nascido. O tempo que lá passa parece-lhe sempre pouco para prender na retina todos os motivos paisagísticos. Até o repórter fotográfico que foi à Figueira, ao serviço de «O Século» e da «Flama» era natural de Vila Real de Santo António. A algarvia Maria de Fátima Bravo, a vedeta mais elegante de toda a festa, não se cansava de me segredar: «Como as nossas praias valiam um festival destes! Felizmente que para lá sigo dentro de poucos dias...»

Na tarde de domingo assistia ao ensaio geral o maestro Alves Coelho Filho e esposa; trocámos poucas frases e surge logo o tema «Algarve». Os louvores chovem e, na agenda, escrevemos o popular compositor: «É para mim a província mais bonita e mais inspiradora de Portugal».

A azáfama do decorador Clérigo, e dos auxiliares atinge o rubro. Alguns balões rebentam ao encher, outros depois de colocados e os técnicos da T. V. tomam posições e anotações. A orquestra estuda as músicas que os vencedores espanhóis não de cantar, entre nós, enquanto saltamos de um lugar para outro a ouvir falar do Algarve e a sugerir se não valeria a pena emuldar nas nossas costas e rochedos o próximo Festival.

António Calvário, algarvio por ascendência e uma voz que se impõe dia a dia, apresenta-nos Gina Maria, uma agradável presença de cancionista e a conversa tem ressurge. São dela as seguintes palavras: «Estou sinceramente enamorada das maravilhosas praias da linda província do Algarve. Só lamentar não poder desfrutar por muito tempo o seu encanto». Calvário insiste para que Gina se resolva a passar lá umas férias e eis que passamos a agenda às mãos dele para nos autografar também o seu pensamento: «Praias algarvias — o melhor cartaz de Portugal em qualquer parte do Mundo».

«Considero a Praia da Rocha um prodígio da Natureza» — afirmou-nos Guilherme Kjölner

O tenor Guilherme Kjölner aproxima-se do grupo e confessa-nos que toda a família materna é de Lagos mas por razões estéticas, mais do que por ascendência, declara: «Considero a Praia da Rocha um prodígio da Natureza; o Algarve merece possuí-la».

Simone de Oliveira caminha na nossa direcção e apresentámos-lhe o nosso desejo. Pediu-nos a caneta e num rápido redigiu: «Praias maravilhosas, público estupendo, tenho pena de não haver tido já possibilidades de lá voltar».

Os locutores, a um canto do casino, combinam a orientação do espectáculo mas, aproveitando uma folga, quisemos ouvir Fernando Correia, um nome a que o público se vai habituando pois

já lhe reconhece a voz. Este profissional da E. N. lamenta não conhecer o Algarve tão profundamente como deseja. Passou um mês na Rocha e deixou estas consoladoras frases «Adorável a impressão recolhida: considero o Algarve qualquer coisa de notável da Natureza. Já estive este ano em Lagos e Sagres; fiquei igualmente impressionado com a grandeza subjugadora daquelas rochas. Logo que possa lá voltar».

Alice Amaro, a insinuante vedeta que também foi a Benidorm, é entusiástica admiradora de Monte Gordo e da Rocha. Conta voltar este Verão para conhecer melhor o litoral algarvio e banhar-se nas quentes águas das nossas praias.

Hélder Soares, da E. N. e Clérigo, da R. T. P. não param um instante. Dificil foi ouvi-los sobre a nossa sugestiva ambição. Ambos teceram hinos às maravilhas da costa algarvia e Clérigo confessou-nos mesmo que só é de Setúbal, no bilhete de identidade. Toda a sua família é da Fuseta e ele sente-se algarvio até à medula. Continuava a corporizar-se o sonho: todos consideram o Algarve um recanto ideal para um espectáculo futuro.

É a vez de procurarmos a última rainha do Rádio, Madalena Iglésias, que muito gosta de redigir e de ler. Atravemo-nos até a revelar que ela tem um diário, algo original, em que a redactora e a artista se desdobram e se estudam, às vezes, sarcasticamente.

«O Algarve é algo de maravilhoso — escreve Madalena Iglésias —. Terra bendita que merecia mais atenção do S. N. I., principalmente a Praia da Rocha e a de Monte Gordo — duas preciosidades da costa portuguesa. É sempre com muita alegria que lá vou cantar para essa gente amabilíssima».

E propostadamente deixámos para o fim a rainha do III Festival, Maria Clara, a insinuante vencedora do prémio de interpretação, admirável criadora de tantos e tantos êxitos, muitos deles escritos pelo compositor algarvio, João Nobre.

Maria Clara que ainda este Verão conta voltar à nossa Província, declarou com simplicidade: «Penso que as praias algarvias são maravilhosas. Só tenho pena que não estejam no Norte, perto de mim...»

À noite, durante o primeiro espectáculo, o Algarve brilhou na indumentária, no porte, na figura da sua cancionista Maria de Fátima Bravo, cujas aparições no palco provocaram sempre um encantamento que deveria ter sido notado pelos telespectadores. Depois da festa inicial dirigimo-nos para uma ceia; na nossa mesa ficou o maestro Fernando de Carvalho que dirigiu a Orquestra Ligeira. Não passámos sem auscultar a sua opinião e depois de variados elogios, rematou: «São as únicas praias onde tomo banho, veja lá o que elas valem para mim!»

Há necessidade absoluta de se criarem distracções no Algarve

No último dia, fora do ambiente da festa, passámos pela Figueira e constatámos a afluência numerosíssima de veraneantes, especialmente espanhóis. E em todas as ruas os hotéis, pensões e restaurantes tinham lotação esgotada. Esperávamos a vez de tornar a pensar na nossa Província distante e eis que, ao atravessar a ponte, as «secas» do bacalhau e as atarefadas trabalhadoras que deslizavam num ininterrupto vaivém a colocar os peixes frescos sob o ardente sol de Agosto, nos lembraram a Fuseta, terra dos balneários mais hábeis e aquelas mulheres simbolizavam bem o trabalho das conserveiras algarvias. E o motivo não nos larga. É preciso impor a nossa terra, chamar a atenção para as suas faltas mais urgentes e se no capítulo de hotéis e pensões não basta o muito que tem surgido nos últimos dois anos, no que toca a distracções está tudo por fazer. Sejam festivais de canção, de música, de folclore, sejam desfiles históricos ou regionais, recitais de poesia e música e bom teatro e nada temos, nem sequer em perspectiva. Bem andou o penúltimo número do *Jornal do Algarve* quando lançava a ideia de serem aproveitados os castelos de Silves e Castro Marim, na ausência de «auditórios», para lá irem os estudantes de Coimbra representar a «Antígona» à semelhança do que se fez a semana passada em Montemor-o-Velho. Um bravo também para o dr. Campos Correa que levou ao Largo da Câmara, de Albufeira, o Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve a representar Gil Vicente. Que esta semente se espalhe ainda esta época por todas as praias da nossa querida Província.

Urge que os municípios e a Junta Distrital encarem estes aspectos do turismo; por esta mesma falta de divertimentos, ouvi uma alta individualidade que, sendo beirão, nada conhece comparável à costa algarvia, onde passa grande parte das suas férias, que teve este desabafo ao encontrá-lo na Figueira da Foz: «Sabe por que só em Setembro vamos para o Sul? Porque lá não há divertimentos comparáveis. Houvesse centros de diversão e os dois meses seriam totalmente dedicados ao Algarve». E quantas famílias não estarão em presença do mesmo dilema? As paisagens, por muito excepcionais,

quantas vezes não bastam para o veraneante exigente se fixar?

E por que não hão-de realizar-se também no Algarve os festivais da canção portuguesa?

Ora pareceu-nos que era imprescindível ouvir o dr. Jaime Ferreira, presidente da direcção da E. N. e impulsionador deste III Festival da Canção. Ele nos diria valer a pena ou não alimentar a ilusão de que o Algarve será escolhido num próximo certame.

Encontrámo-lo na última noite de festa, na ceia que a Junta de Turismo ofereceu a toda a comitiva e que foi primorosamente servida na piscina.

Dada a hora matutina — já eram 6 da manhã — não quisemos alongar o questionário que havíamos perpetrado. Falou carinhosamente da beleza das costas do Sul, do clima e da falta de alojamento que haveria para uma concentração artística (dado que a própria Figueira não pôde acomodar toda a gente que lá foi); revelou-nos que Sezimbra e outra praia nortenha, já lhe haviam feito sentir um desejo igual ao nosso mas divagou sobre a necessidade de repetir os festivais na mesma localidade não só para efeitos de melhoria de organização como para os aliar às possibilidades turísticas e económicas. Objectámos que a Espanha tem mais de um Festival e seria justo que o Centro e o Sul do País gozassem de iguais privilégios. Discordou prontamente com a objecção de que a própria nação irmã estuda o impedimento futuro de festivais repetidos dado que a variedade de locais e possibilidades de êxito e a unidade fará prever melhores frutos. Não via, porém, impossibilidade absoluta desde que o Algarve arranjasse verba e entidade idónea para se encarregar de semelhante organização.

A Emissora Nacional tornaria a efectuar o próximo festival na Figueira da Foz, tal como estabelecera e anunciara ao público, ao usar da palavra, no momento da atribuição dos prémios. Sentimos não dever abusar da gentileza e os agradecimentos e despedidas deixaram um sulco na nossa alma de algarvia.

Vencida mas não convencida. Urge rever o assunto e, para já, recordamos António Ferro, o jornalista insigne, o dinâmico criador de tantos e tantos espectáculos. Ele preferia, justa e acertadamente, que os locais dessemessem variar anualmente porque era forte razão chamar atenções gerais para a beleza deste cantinho ou daquele. Repetir a festa no mesmo local não será patentear pobreza paisagística, carência de motivos de beleza?

Creemos que deverá prestar-se este serviço à Nação, exaltando todos os seus valores artísticos e ao turismo, em geral, fazendo acordar da letargia em que têm vivido, os responsáveis pelo progresso e bom nome do País. Eles têm de abrir os olhos às necessidades prementes dos seus concelhos, têm de atrair os nacionais e estrangeiros para que a indústria fabulosa do turismo seja uma realidade a melhorar as condições de vida locais e não um sonho, uma fantasia de jornalistas e viajeiros. Se na matéria de alojamentos houver deficiências — e a própria Figueira as teve, mesmo recorrendo a casas particulares — não é óbice suficiente para fugir desta zona ou daquela. O importante é permitir espectáculos semelhantes a variadas gentes e terras pois julgamos que por mais primorosa que seja a organização, ao fim dos primeiros quatro ou cinco anos, o festival cansará e os veraneantes usuais, instalar-se-ão diante do televisor e não vão, em massa, adquirir bilhete com o entusiasmo e a curiosidade deste ano. E recuámos no tempo, para lembrar os Jogos Florais da E. N. que António Ferro criara e em Faro tiveram, um ano, grande brilho, realizados no Largo da Sé, com redes, vergas e mastros a decorar o recinto bem iluminado.

Por que não organizar os festivais ao ar livre, em plena praia, nas noites quentes e sonhadoras da costa algarvia?

O S. N. I. e a R. T. P. não põem os olhos nas coloridas rochas e nas rendilhadas falésias das nossas praias para se decidirem a lá ir organizar um festival? Saíamos da piscina, já o sol a querer surgir, e o mesmo pensamento matraqueava o nosso cérebro.

Quer queiram ou não, o Sul esteve presente mas desejamos muito que nos tempos mais próximos não seja o Algarve a ir lá, antes vá o Festival ao Algarve.

Maria Odette Leonardo da Fonseca

EMPREGADOS DE MESA PRECISAM-SE

Para trabalhar na Esplanada da Fortaleza e nos Casinos da Praia da Rocha e Armação de Pera. Idade máxima: 30 anos. Com prática.

Dirigir-se a J. C. Francez Praia da Rocha — Telef. 543.

«Contos e crónicas»

por Andofer

Sob o pseudónimo Andofer, publicou o rev. António Fernandes um atraente livrinho ao qual deu o título de «Contos e Crónicas», definindo os dois géneros literários que no mesmo se contém. Confessa o autor que se trata de «histórias simples, por vezes ingénuas, mas onde há sempre um apelo à bondade e ao amor entre os homens». Por aqui nos devíamos ficar pois efectivamente o livro é isto mesmo e sobressai dele uma relativa porção de humanidade vinculada através de pequenas histórias de urdidura assaz ingénua e despretensiosa. Andofer deve ter redigido os seus contos um tanto apressadamente, sem grande preocupação de pureza literária, o que é pena. Só assim se explica a redacção pouco cuidada e infantil destes dois períodos: «Ao entrar deparou com duas velas sobre o altar que ainda não tinham sido acesas e então compreendeu».

«Eram as velas de José Henrique: Ele tinha-as trazido, mas não tivera a coragem de as acender».

Como exercício de redacção não vale um três.

Também nos parece que seria mais correcto depararem-se-lhe as velas e não deparar o sujeito com as ditas.

Estas precipitações encontram-se com alguma frequência e revelam uma desatenção que se não deve deixar passar em claro pelo lucro que o autor pode extrair no preparo de novas composições. Por isso se apontam, honestamente, os defeitos achados. Bateria desatinadamente palmas, além de insensato, pode induzir em erro o escritor e fazê-lo recair nos mesmos lamentáveis descuidos.

Também nos permitimos chamar a atenção de Andofer para um equívoco — aquele de chamar Costa Brava ao litoral malaguenho. De Costa Brava designa-se o pedaço do litoral catalão que vai mais ou menos de Lloret del Mar até à fronteira francesa. O litoral malaguenho tem o apodo de Costa del Sol, tal como o nosso Estoril e fica a umas centenas de quilómetros da tal Costa Brava. Um lamentável lapsus calamí pouco admissível a quem solicita audiência pública para a sua obra.

A ternura e humanidade que o autor tentou pôr no seu livrinho atenuam porém alguns dos lamentáveis deslizes apontados. — X.

«O CIÚME»

de Alain Robbe-Grillet

Segundo a crítica francesa, «O Ciúme», de Alain Robbe-Grillet, marca o apogeu da evolução estética do autor na estruturação de uma nova corrente do romance francês, a que se tem chamado novo realismo e *«romam du regard»*.

Em «O Ciúme» há um narrador invisível, uns olhos que circunvagavam, lentos e silenciosos, pelo pequeno mundo que os atrai numa obsessão trágica. O leitor não o vê, não o ouve mas presente-o sempre pelo vazio que a sua ausência abre: é o ciúme que a si próprio se constrói, se realiza, se avoluma, agarrando-se aos mínimos objectos que constituem o *habitat* dum casal e dum amigo, repetindo-se nas suas sensações visuais, simples sensações visuais que se vão acumulando sem quaisquer comentários e sem noção de tempo, pois o *olhar* não tem memória. O triângulo amoroso fica, desta forma, reduzido a dois termos — a mulher e o amigo; o marido é a ausência medonha que tudo acompanha sem reagir, porque vegeta na suspeita apenas, e é esta suspeita que procura materializar. Consegiu-lo?

Eis um romance de profundo dramatismo, não pelas situações, mas pela forma como o espectador invisível da história repete e torna a repetir a sua odisséia puramente visual através dum universo pequeno e fechado (um bungalow, um bananal dos trópicos, uma mulher casada, um amigo que mantém com ela relações suspeitas) até criar uma atmosfera de obsessão. Pegando num velho tema, Robbe-Grillet dá-lhe uma apresentação inteiramente original. Talvez nenhum outro dos seus romances pudesse como este dar ao leitor português a medida exacta do talento do autor e dos rumos estéticos que o norteiam.

«Palmeiras Bravas»

de William Faulkner

Na conhecida colecção «O Livro de Bolso», da Portugalígia, acaba de aparecer «Palmeiras Bravas», de William Faulkner, notabilíssima obra-prima, em magistral tradução de Jorge de Sena, autor, também, do prefácio, que é o estudo mais completo que até hoje se publicou em língua portuguesa sobre o grande escritor americano.

«Palmeiras Bravas», segundo Jorge de Sena, são «um elo na cadeia terrífica que, rescendendo de «Tristão», tem na «Castro», de Ferreira, em «Romeu e Julieta», na «Princesa de Clèves» em «Wuthering Heights», em «Le Lys dans la Vallée», em «Ana Karénina», no «Amor de Perdição», até aos romances de Jean Genet, alguns dos seus expoentes, alguns dos seus passos mais dolorosos do mistério do amor e da morte».

Este livro é uma grande obra de arte na qual a impossibilidade do Amor atin-

SANGUE, dor, luto... misérias humanas. Farrapos de almas mal encaminhadas a quem a nódoa da desgraça tocou... Ela, 22 anos, pagou cara, pelo preço da vida, a levianidade da cabeça ou a tentação da carne, se é verdadeiro o motivo alegado do crime. Ele destruiu um lar, toda a sua vida e a liberdade de convívio como pessoa decente. Um crime, um drama, como todos os dias pode suceder. A tragédia das mulheres novas, separadas dos maridos ou dos homens com quem se ligaram numa promessa de sempre.

Há tempos reproduzimos aqui trechos de uma carta de mulher para o marido ausente, lamentando os anos de felicidade conjugal perdidos, que se não pagam com dinheiro, por mais que lá se ganhe. O drama de Loulé, é bem uma consequência do afastamento imposto a mulheres na plenitude das suas exigências sexuais, na plena floração da sua sensibilidade afrodisíaca, na consciência do seu valor sensual...

Ele, 35 anos, vividos longe daqui, no tumbão pela vida, quantas vezes turbulenta e irrequieta, porventura mal amparada por gmiçadas perniciosas, talvez até com o seu quê de tendências terroristas, hoje tão divulgadas pelo Mundo. Deve ter andado embarcado, porque é tatuado e esta preferência pela insinuação subcutânea, de bonecos, flores e astros, manifesta-se geralmente nos embarcações. Chegara há um mês. Ou já pré-avisado ou por instigações recebidas aqui, de algumas vizinhas ou más amigas, começou por exercer sevícias na mulher. Roubou-lhe depois o filho, o pobre órfão de 4 para 5 anos, que é a maior vítima da catástrofe que desabou sobre aquele lar.

Há poucos dias resolvera fazer as pazes com a mulher e a sogra, a quem acusava de terem malbaratado o dinheiro que remetia da França, em despesas supérfluas e de aparato exterior. Foram os três até junto da casa onde residiam e aí, num relâmpago, entrou, tirou a espingarda caçadeira e a cartucheira que naturalmente já havia preparado. Momentos de angústia, a mulher foge por um lado, a mãe desta por outro, o motorista assustado joga-se ao chão. Tiros soam. A Lisette cai ao primeiro tiro, ferida mortalmente. 22 anos feitos em pó. Inocentes, culpados? Adivinhá-lo! A Maria das Dores é também atingida, porventura a pagar apenas a sua maternal afeição que a levava a tirar pela filha.

O José dos Santos Leandro, fugiu, em seguida e anda a monte, numa vida errante de judeu perseguido, vivendo na ansiedade angustiada de saber que o espera ou uma

bala da Guarda ou as grades do cárcere, para toda a vida, até que um rebate mais forte, do lado bom, o leve a entregar-se à justiça ou, do lado mau, o leve a praticar mais crimes ou até a atirar sobre si mesmo.

Miséria humana! Sangue, dor, ciúme... luto!

«VAI começar a nova época de futebol, modalidade desportiva em que Loulé não tem engrandado com possibilidades de êxito, e é pena.»

Por que não juntar os elementos de mais valor de alguns clubes amadores, sem orgânica nem administração, que existem pelo conceito e constituir uma equipa que faça figura, ainda que modesta? Por que não encabeçam os promotores de corridas de bicicletas este movimento pró-futebol louletano?

Em bicicletas e provas de fundo só conseguimos fazer salientar um ou dois. Mas isto é pouco para mandar uma equipa à Volta.

Voltem-se para o futebol, seleccionem, esforcem-se por juntar o melhor e vamos ver se aparece alguma coisa de jeito.

SABEMOS que muitas pessoas têm procurado refúgio no Parque Municipal, nestes dias de canícula insuportável. Bem andava a Municipalidade instalando ali mais uns bancos pois procura o fresco no parque por não poder ir para a praia, também poderia usufruir algumas regalias com a frequência daquele magnífico mas quase desprezado lagradouro público.

NOS três últimos dias do mês realiza-se a feira de Loulé, criada por decreto de el-rei D. Dinis. Deve ser das feiras mais antigas de Portugal e teve grande importância em tempos passados. São factores da sua constante decrepitude a falta de um recinto próprio, mais perto da vila, o seu isolamento no calendário em relação a outras feiras algarvias e o facto de se realizar em plena época de banhos, que anteriormente só começava a partir da feira de Loulé.

REPORTER X

Camião

Vende-se «THAMES», série 17, equipado com motor «Perkins», novo.

Dirigir a Américo Gualberto Matias — OLHAO.

Garantimos Eficiência e Rapidez

Na reparação do seu Rádio ou Tele-Receptor de qualquer marca

SERVITÉCNICA
Delegação dos serviços técnicos Philips no Algarve

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 46 — 48 FARO

«Verdades necessárias para a sobrevivência de Portugal», de Ernesto Tavares Pimenta

O sr. Ernesto Tavares Pimenta, reuniu em «Verdades necessárias para a sobrevivência de Portugal» as críticas da Imprensa, as impressões e os agradecimentos respeitantes ao seu livro «Uma Carta». O sr. Tavares Pimenta manifesta-se um caloroso nacionalista e deseja a paz e a concórdia entre todos os portugueses.

Acessórios de Auto e Camion usados

procure L. MATOS TOUPA, Rua do Alvitto, 33 — LISBOA, telefone 637024 e será servido com rapidez e economia. Podem dar-se informações, do Algarve, sobre estes serviços.

Espectáculos patrióticos nos castelos algarvios

(Concluído da 1.ª página)

Para o castelo de Silves lembro o drama em verso de José de Serpa Pimentel, «O almansor Adem Afan» ou a «D. Branca», ópera de Alfredo Keil com libreto de César Ferrealli.

São peças do século passado mas que ainda hoje se vêm com muito prazer. A acção passa-se no próprio castelo. No castelo de Lagos, se podia evocar a vida do Infante D. Henrique em algumas das suas peças, uma das quais de Cândido Guerreiro.

No de Faro, de que poucos vestígios restam, a tomada de Faro aos mouros por D. Afonso III, de que, se não estou em erro, há um pequeno acto também de Cândido Guerreiro.

No castelo de Tavira se podia apresentar a ópera «Fátima» de um irmão, do nosso tão estimado Pavia de Magalhães. Li a peça, muito interessante. Está completa faltando-lhe apenas a música, não sendo difícil, de momento, utilizar-se nalguns passos, música a que se adaptasse.

Para o castelo de Castro Marim servia uma peça medieval tendo como tema a Ordem de Cristo, ou outra sobre a vida de D. Sebastião que está ligada à história da povoação e suas fortalezas.

Isto é, em parte com sentido patriótico, em parte para atender às necessidades do turismo, podiam ser realizados nos castelos do Algarve espectáculos dramáticos mas estes deviam, quanto possível, ser sobre temas algarvios ligados à história do próprio castelo ou da região.

Também admito que, no caso de ser já demasiado tarde para a organização destes espectáculos, se efectuassem nos castelos algarvios, à noite, concertos musicais, por bandas ou orquestras, com música militar e heróica, marchas militares e música wagneriana, etc... Quanto a outros espectáculos parecem-me descabidos.

Os portugueses estão vivendo uma hora de angústia e não uma hora festiva. Se temos fé no triunfo final, nem por isso deixamos de nos preocupar com os pequenos problemas que nos vão surgindo.

O Algarve serviu de plataforma para o lançamento de toda a nossa epopeia marítima. Hoje não pode desinteressar-se do futuro do nosso Ultramar.

A organização de veladas de armas e de espectáculos de sentido patriótico era uma forma de se demonstrar que hoje, como ontem, o Algarve se não desinteressa do nosso Ultramar e antes vive orientado para a resolução dos seus problemas que são problemas da vida da Nação.

(a) José D. Garcia Domingues

N. da R. — Não tivemos a menor dúvida em publicar esta carta do nosso prezado colaborador e comprouviano, sr. dr. Garcia Domingues porque, em certa medida, compartilhamos dos seus pontos de vista. Não concordamos porém com a objecção à representação da «Antígona» nos nossos dois castelos, visto que o que se pretende é proporcionar, não apenas aos nacionais mas especialmente aos estrangeiros que nos visitam, espectáculos de elevado cunho artístico e cenográfico. cremos que será difícil no nosso património teatral encontrar peças que ofereçam a teatralidade e o interesse universal da tragédia de Sófocles. E da nossa opinião parece partilharem os promotores do espectáculo

no castelo de Montemor-o-Velho. Evidentemente que as peças patrióticas, com o seu carácter caseiro, são perfeitamente aceitáveis, mas limitadas por certo a esse carácter, pois é difícil que os estrangeiros as compreendam e nelas encontrem portanto aquele atractivo e recreio que se lhes pretende oferecer — e que lhes ofereceram as entidades produtoras do espectáculo de Montemor-o-Velho. Claro que estamos a atravessar um período grave e neste ponto não há duas opiniões, mas daí a assumirmos todos um ar fúnebre e vencido e pretendermos contagiar os visitantes com a nossa tristeza, vai uma grande distância, tem que ir mesmo uma sensata e prudente distância. No geral foge-se de visitar casas onde o luto enegrece almas e rostos. E nós não queremos que fujam de nós. Pelo contrário, nas horas de adversidade é que devemos mostrar maior estoicismo e afastar de nós quaisquer mostras de tristeza que deem a impressão aos estrangeiros de que se encontram no meio de um povo enlutado e portanto desajeitado de que todos se afastem dele. A seguir-se o pensamento do nosso prezado colaborador, teríamos que estender sobre o território português um sudário e deixar falar apenas as gargantas soturnas e agorrenas, ouvir os toques inquietantes dos alarmes guerreiros e a música retumbante, grandiosa e fúnebre de Wagner. É muito patético para um povo que, embora se encontre em certos apertos, não se considera vencido e tranquilamente aguarda que sairá vencedor da desordem que lhe armaram em casa.

Posto isto, continuamos na nossa — ofereçamos recreios de alto nível cultural e espectacular a nacionais e estrangeiros, tal como o faz o resto do País. E o Algarve não pode ser uma excepção. E por que havia de ser?!

Socorros a Náufragos?

(Concluído da 1.ª página)

garve, não conte com serviços de socorros a náufragos, tanto mais que se verifica eles serem necessários. Estamos-nos a lembrar das três dezenas de homens que há anos, numa noite borrascosa, perderam a vida na barra do Guadiana, tragédia que ganhou o nome de actualidade com a perda, no domingo, da traineira «Norte» cuja tripulação teve a sorte de ser socorrida pela traineira «Vulcão» e outras embarcações que passaram na ocasião. Porque se estivesse à espera dos serviços dos Socorros a Náufragos nem um homem teria escapado. O salva-vidas, que tem a base a cinco léguas do porto, parece não ter podido sair por dificuldade de maré ou por qualquer outra.

Dado o desinteresse dos directores do Instituto pelas vidas e haveres de mais de um milhar de pescadores (pois não podemos dar outra interpretação ao abandono dos serviços do salva-vidas que ali existiu) chamamos para um facto tão grave a atenção do Governo e em particular do sr. ministro da Marinha, solicitando igualmente ao sr. capitão do porto de Vila Real de Santo António o favor de pôr ao corrente da lamentável situação em que o referido porto se encontra, no que respeita à segurança e defesa de vidas dos homens do mar, as entidades superiores e que podem remediar uma falta tão grave e tão inexplícável.

ECONOMIA

Decomposição dos ovos pela acção dos micróbios

Postos recentemente e limpos os ovos não apresentam bactérias tanto no interior como no exterior. Enquanto a casca se conserva seca, limpa e íntegra, a alteração interna do ovo pela acção das bactérias não representa nenhum problema não só nos ovos frescos como nos armazenados. A casca do ovo está impregnada de uma substância mucilaginosa, uma espécie de verniz que tende a impedir que as bactérias atravessem esta barreira. Por outro lado, as membranas da casca possuem uma acção bactericida que permite a destruição dos germens antes de atingirem a clara do ovo. E ainda esta última tem uma acção bactericida que evita que as bactérias atinjam a gema.

Finalmente, a alcalinidade do ovo fresco cria um ambiente desfavorável ao desenvolvimento dos germens. Pelo contrário os ovos sujeitos com matérias fecais ou com terras contaminadas podem sofrer decomposição originada pela acção das bactérias, acção especialmente favorecida quando se humedece a casca. Sem esquecer que uma percentagem muito elevada de ovos de uma exploração sofreram estaladuras ou arranhões durante as diversas manipulações, o que os torna muito propícios à contaminação por bactérias.

Na chamada podridão verde ou ovos ácidos, a clara apresenta-se sob um certo grau de liquefacção, pode estar fibrosa e apresentar a cor verde a que aludimos. A gema costuma apresentar manchas cor-de-rosa ou brancas, assemelhando-se o aspecto ao dos ovos parcialmente cozidos. A membrana vitelina pode tornar-se espessa e mostrar cor branca ou às vezes negra. Os efeitos da contaminação pela bactéria ocasionante só se apreciam depois de uma prolongada armazenagem. Portanto não devem guardar-se ovos manchados nem mesmo depois de limpá-los. Outro grupo de bactérias dá ensejo à chamada podridão vermelha na qual a clara costuma estar liquefeita e mostrar uma coloração vermelha ou amarela avermelhada, alteração perfeitamente visível mediante a luz. E, finalmente, a podridão negra, cujos sinais característicos, bem visíveis por iluminação, são: mobilidade da câmara de ar, gema negra e clara muito aguosa de cor esverdeada pardacenta. Ao quebrarem-se os ovos exalam um cheiro desagradável e as gemas apresentam um aspecto gelatinoso. As origens de contaminação mais frequentes desta podridão são a sujidade da casca e o uso de águas contaminadas para lavar os ovos. Esta alteração pode apresentar-se nos ovos pouco tempo depois da postura.

Motores de rega em Espanha

É notável o incremento que tem tomado em Espanha a rega por meio de motores. Segundo o último curso, existem no vizinho país 107.103 unidades com a potência total de cerca de 700.000 cavalos. Há 30 anos o número de motores fixos de gasolina era de pouco mais de 4.000, tendo subido em 1959 para 48.450 e no ano findo para 57.869. Do mesmo modo, de 823 motores de gasóleo passou-se em 1959 para 16.507 e em 1960, para 18.596, ao mesmo tempo que o número de 5.320 motores eléctricos há três dezenas de anos, subiu para 19.022 em 1959 e 19.855 no ano findo.

Conservas polacas

Está a verificar-se uma progressão rápida da exportação polaca de conservas de peixe. Assim, a exportação, que era de 1.155 toneladas em 1959, subiu para 2.807 em 1960, no valor de 1.750.000 dólares. O principal comprador destas conservas é a Roménia, que adquiriu o ano passado aproximadamente 1.600 toneladas. A Checoslováquia figura em segundo lugar, com a aquisição de 700 toneladas. Entre os países da Europa Ocidental e do Norte da Europa os mais interessados clientes foram a Finlândia, com 66 toneladas e a Austria, com cerca de 50 toneladas. Cuba é também um importante cliente, tendo comprado no ano passado cerca de 200 toneladas.

A Polónia exporta conservas de peixe preparadas em óleo, ao natural e em tomate. O ano passado saíram de conservas em óleo mais de 1.500 toneladas e de conservas em tomate aproximadamente 940 toneladas. Nos quatro primeiros meses deste ano a Polónia exportou 702 toneladas de conservas de peixe, no valor aproximado de 450.000 dólares. Os principais compradores foram: Roménia, 598 toneladas; Canadá, 38 e Austria e Finlândia, 21 toneladas cada.

Alfarrobas italianas

Na Sicília o «stock» de alfarroba da colheita passada está a esgotar-se transaccionando-se a alfarroba boa a Lit 3.700, o quintal, no lugar de produção e alfarroba quebrada Lit 4.000, o quintal, no armazém do revendedor ou na estação de expedição. A grão é comprada pe-

la indústria a Lit 10.300, o quintal. O comércio da alfarroba da nova produção está muito activo. Os industriais e os comerciantes tradicionais ainda não quiseram tomar compromisso acerca do preço: compram com o crédito «à disposição», dando um sinal de Lit 1.500, por cada quintal. Os especuladores, pelo contrário, compraram a Lit. 2.800, o quintal, mercadoria na árvore, ou a Lit 3.200-3.300, o quintal, mercadoria no lugar de produção, em sacos do comprador. As perspectivas para a próxima colheita são óptimas, quer pela quantidade quer pela qualidade.

Diversas

Até fins de Maio a frota de Santoña (norte de Espanha) tinha capturado 13.189 ton. de biqueirão que atingiram na lota o valor de 38.997.888 pesetas, sendo a média, por quilo, de 2,95 pesetas. Embora a pesca continue, os operários das 125 fábricas locais têm já assegurado trabalho durante todo o Inverno. As anchovas daquela localidade, graças ao escrupulo de fabrico, têm fama universal.

— A colheita de tomates em Espanha deve ser este ano inferior em relação à da temporada passada, devido à falta de chuva. Espera-se que o total não exceda 30.000 toneladas.

— Calcula-se que o Brasil exportará durante o corrente ano quatro milhões de caixas de citrinos. — Espera-se este ano em Itália uma colheita de amêndoas excepcional, cerca de 35 a 40% superior à de 1960. A produção italiana de amêndoa com casca do ano passado foi de 111.600 toneladas.

— As importações alemãs de citrinos, durante a temporada 1960/61, atingiram 1.269.000 ton., ou seja menos 36.000 ton. do que no ano anterior.

— Os filetes de cavala portugueses no mercado belga regulam entre 700 e 750 frs. b. por caixa de 100 latas 1/4 club 30 m/m C. & F. Antuérpia.

Festas no Algarve

À padroeira de Lagoa

Em Lagoa, realiza-se no dia 8 a festa em honra da padroeira da vila, Nossa Senhora da Luz, a qual costuma atrair muitos forasteiros. De manhã haverá missa e sermão e à tarde procissão, finda a qual preparará um dos melhores oradores sagrados da Província. À noite, no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, concerto filarmónico e fogo de artifício, funcionando no recinto um serviço de bar, a favor da assistência.

À Senhora da Saúde em S. Bartolomeu de Messines

Em S. Bartolomeu de Messines realizam-se nos dias 20 e 21 as festas a Nossa Senhora da Saúde. No primeiro dia efectua-se missa e terço e o programa do último dia compreende: às 17 horas, alvorada de morteiros e foguetes e repique de sinos; às 9, missa, a Nossa Senhora da Saúde; às 12,30, missa solene e pregação ao Evangelho; às 15, terço seguido de procissão em volta da capela de Nossa Senhora da Saúde.

Todas as cerimónias se efectuam na ermida de Nossa Senhora da Saúde, visto estar em obras a igreja matriz. Durante os dois dias haverá verbenas, venda de flores etc., cujas receitas se destinam às obras da igreja matriz.

A Nossa Senhora da Luz, na Luz de Tavira

Amanhã, na Luz de Tavira, realizam-se as festas em honra de Nossa Senhora da Luz. O programa compreende: às 9,30, missa de comunhão geral; às 11, missa solene e sermão; às 17, terço do Rosário com cânticos; às 18, procissão abrilhantada pela Banda da Legião Portuguesa de Olhão, ao recolher sermão e bênção do Santíssimo; às 22, abertura da esplanada e concerto filarmónico e fogos de artifício.

A Nossa Senhora da Encarnação em Vila Real de Santo António

Como noticiámos realizam-se amanhã na Vila Pombalina as festas em honra da padroeira, que culminam com a procissão, às 18,30. Às 22 a Banda de Tavira, sob a regência do maestro sr. Sebastião Leiria, dará um concerto com o seguinte programa:

I parte — Curro Alamares, P. D. F. T. Irerutagayena; Egmont, Ouverture, Beethoven; La Cancion del Olvido, Zarzuela, Serrano; Coppélia, Bailados, Delibes; Alma de Diós, Zarzuela, J. Serrano.

II parte — Fête aux Champs, Fantasia, Encarnação; Les Patineurs, Seleção de Valsas, Waldteufel; Suspiros de Espanha, P. D., Alvarez.

Não se realizam este ano as festas de Albufeira

Segundo informação da Comissão Municipal de Turismo de Albufeira, e atendendo aos acontecimentos que se estão a desenrolar na portuguesaíssima província de Angola, não se realizam este ano as tradicionais festas daquela vila.

SALDOS BOMBÁSTICOS DE SENSAÇÃO FANTÁSTICOS DE EXPLOÇÃO

A partir do dia 16, toda a gente que gasta com ponderação dirigir-se-á imediatamente aos famosos **Armazéns do Conde Barão**, Largo do Conde Barão, 42, em Lisboa-2, pois além dos fenomenais saldos, enviam amostras, catálogos e brindes, mas que brindes!

E agora apresentamos o principal:

- Flanelas florinhas, belo artigo 5\$90
- Flanelas Robes, bonitos padrões 5\$50
- Cobertores bonitas fantasias, casal 39\$00
- Cobertores maravilhosos, enormes 58\$00
- Colchas damasco algodão, casal 24\$00
- Cachemiras vestidos, sucesso, 0,90 largo 11\$00
- Gorgorões de seda, padrões lindos 12\$50
- Voiles algodão, lindos para vestidos 8\$00
- Marquisetes cortinados 2\$50
- Lençóis crus para divã 12\$50
- Lençóis turcos com bainha 25\$00
- Lençóis brancos, com 1,80 largo 25\$00
- Toalhas turcas, aos milhares, desde 2\$50
- Toalhetes turcos, várias cores 8\$90
- Cretonetes, padrões de sonho 5\$50
- Chitas, lindas, lindas, lindas 3\$90
- Sacos para pão, com desenhos 7\$50
- Combinações seda, Rayone, rendas lindas 35\$00
- Combinações Nylon, c/ folhos e renda Nylon 57\$50

Faça já o seu pedido pelo correio, ou vá directamente aos **Armazéns do Conde Barão**, Largo do Conde Barão, 42, Lisboa-2.

A PRAIA DA MANTA ROTA «transportada» em carroças?

Talvez tenha sido sina...

Logo à nascença, como que a adivinhar-lhe o porvir tristonho, procuraram-lhe nome adequado, que retratasse a pobreza franciscana e revesses da sorte que lhe reservava o destino.

A Manta Rota é uma praia pacata e sossegada que não quer perder essas características. Ali, a dois passos da cosmopolita Monte Gordo, é o que contém. Um local tranquilo para os que preferem o sossego, as férias para descansar, sem cuidados especiais de vestuário ou obrigações sociais. Nada de festas de arromba, de bailes de mais ou menos gala, de restaurantes caros. Chamemos-lhe «uma praiuzinha residencial».

Aos seus frequentadores fiéis não interessa o progresso no que ele significa de diversões e de bulício. Mas comodidades, as mais elementares comodidades, não são diversões. E a Manta Rota continua à espera. A espera da luz eléctrica, da água canalizada, da rede de esgotos.

Nestas mesmas colunas relatava há dias «Um banhistas» o que se passa com o fornecimento de energia eléctrica, cuja rede se esperava que funcionasse — finalmente! — no Verão que decorre. Mas não. Ainda não. E não por que, ultimados os trabalhos a tempo e horas, se topou com uma «deficiência de ordem técnica», coisa realmente complicada, pois ainda não se lhe encontrou a solução.

Nada tem a Manta Rota recebido, mas alguma coisa lhe andam a tirar. O que tem. A praia, em si. A própria mente dita. Contra o que está estabelecido por lei, e contra todos os intuitivos preceitos de civismo, vários indivíduos têm agora aparecido a carregar areia arrancada da área da praia (e se é longo o areal não utilizado que exist-

te em volta!) procedendo depois ao seu transporte em carroças. Há buracos por todos os lados, com os inconvenientes de darem à praia um péssimo aspecto (afinal sempre há quem dê alguma coisa!) e de constituírem um grave perigo para as crianças.

Como há uma disposição legal que prevê o facto, não apelamos para a compreensão dos indivíduos que se têm dedicado a tal prática. Apenas chamamos a atenção das autoridades competentes para que se faça respeitar a lei. — M. Z.

DIVERSAS

Misericórdias — O Ministério da Saúde concedeu às Misericórdias de Faro e Vila Real de Santo António os subsídios, respectivamente, de 15.500\$00 e 10.000\$00.

Cais da Fuseta — Ao concurso para adjudicação da empreitada de construção do canal de acesso ao cais da Fuseta, cuja base de licitação tinha sido fixada em 2.600.000\$00, foram apresentadas três propostas, a mais baixa de 2.791.540\$00, e a mais alta de 3.493.880\$, esta última com três variantes.

CASA PRECISA-SE

De aluguer, nos arredores de qualquer povoação. Com ou sem mobília, com água canalizada e casa de banho. De pref. c/ pequeno quintal. Prazo de 1 a 5 anos. Resp. c/ indic. para Orlando Almeida Duarte — Melo — Folgosinho.

ATENÇÃO SENHORES VITI-VINICULTORES!

Evitem as doenças e defeitos que os VINHOS podem apresentar, utilizando na limpeza, lavagem, desengorduramento e desinfectação de todo o material viti-vinícola, vasilhame, depósitos e garrafeira

NETOSILINA

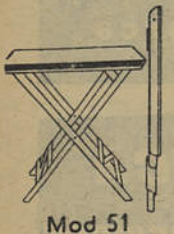
O mais enérgico e poderoso DETERGENTE MINERAL, DESENGORDURANTE E BACTERICIDA

UM PRODUTO DA INDÚSTRIA BELGA

PEDIDOS A: **RAGROL** REPRESENTAÇÕES AGRO-INDUSTRIAS, LDA.

Telefone 57671 — Rua Duque de Palmela, 27-4.º-Esq. — LISBOA

Mesas e cadeiras articuladas



Para praia, campo, cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circo, etc. — Comodidade aliada à elegância e simplicidade — Fabricadas com madeiras secas e de boa qualidade — Acabamento perfeito — Fácil arrumação: os modelos 2 e 51, empilhados a 2 m 50, equivalentes a 50 unidades, ocupam somente a área de 1/2 m2.



Manuel da Silva Domingues VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

GRIMALDI-SIOSA LINES

SERVIÇO REGULAR MENSAL Para a VENEZUELA O PAQUETE RÁPIDO «ASCANIA»

A sair de LISBOA em: 21 de Setembro e 23 de Outubro

Primeira classe a Esc. 9.895\$00 e Terceira classe, em camarotes, a Esc. 5.690\$00 (tudo incluído)

Óptimo tratamento, criados e cozinha portuguesa // Viagens muito rápidas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.

72-D, Avenida D. Carlos I — LISBOA — Telef. 655054-672319

AVISO IMPORTANTE

VICENTE RODRIGUEZ, proprietário das **CAVES DO GUADIANA**, Avenida da República, n.º 94, 96 e 97, comunica ao público em geral que foi nomeado agente em Vila Real de Santo António das apostas mútuas desportivas «**TOTOBOLA**», tendo-lhe sido atribuído o número de agente 12-008.

DE LAGOS

Os «Parodiantes de Lisboa» não deixam de ter razão

Em emissão recente referiram-se os «Parodiantes de Lisboa», segundo me constou, às deficiências de alojamentos em Lagos, a ponto de terem de passar uma noite em claro.

Apesar de em épocas de afluência de turistas se registarem casos desta natureza em toda a zona turística do Algarve forçoso é reconhecer o muito que há a realizar para prender os que nos visitam.

No meio local nada se facilita à indústria hoteleira e daí as reduzidas instalações com que Lagos conta em relação ao quadro que a Natureza oferece aos que nos preferem.

Por mais de uma vez tenho defendido que se abram excepções, em face de determinadas disposições que desanimam os poucos que se abalançam a fazer algo para que a indústria hoteleira prospere. Infelizmente são poucos ou nenhuns os que evidenciam esforços no sentido de essas disposições se adaptem mais às necessidades da indústria hoteleira local, e, assim, é de esperar que mais reparos surjam e que radiodifundidos mais contribuam para afastar os que devemos cativar com alojamentos em condições, e a distração que o rancho folclórico e a filarmónica locais poderiam proporcionar desde que não faltassem os recursos necessários à sua manutenção.

A propaganda sem iniciativa que correspondia, é um erro que os «Parodiantes de Lisboa» bem confirmam com os seus justos reparos.

Praia da D. Ana — A afluência de veraneantes à praia da D. Ana justifica bem o arranjo e embelezamento do tão aprazível local.

Porém, da parte da Comissão Municipal de Turismo nada mais se viu que o improvisado parque de estacionamento de automóveis, de reduzidas dimensões e o balneário.

Os banhistas reparam, e com razão, na abundância de pedras soltas que na vazante obstem à conveniente utilização da praia, que oferece ao mesmo tempo um aspecto confrangedor, denotando abandono e servindo para contrastar com o pouco cuidado que em Lagos se dá ao saneamento das praias o muito que os portimonenses dispensam à Praia da Rocha e outras que possuem e que, longe de suplantar as nossas em belezas naturais, têm no entanto o cuidado dos carolas a compensar em grande parte o que a Natureza não lhes facilitou.

Ora, como estas pequenas coisas influem grandemente para atrair os que nos preferem, que em breve me seja dado ver a praia da D. Ana e outras, limpas de pedras soltas, pelo menos nos espaços mais utilizados pelos banhistas, o que, a dar-se, muito contribuirá para a propaganda turística que se deseja.

Ainda as más condições da lota — Sou dos que não podem calar o que se impõe a bem da colectividade, e, assim, não concebo que até agora tenham sido em vão os meus clamores em defesa da cobertura do local onde se realiza a lota, para poupar não só as pessoas que no desempenho dos seus cargos interferem nas vendas do peixe, como também este, ao efeito dos raios solares que actuando directamente causam prejuízos de monta.

A Câmara Municipal e a Casa dos Pescadores beneficiam bastante do imposto de pescado que se pode considerar exagerado pelo menos nas vendas de pequeno montante, dado que pagar 17\$00 para vender 58\$00 de peixe nos parece um tanto violento.

Não há, portanto, motivo que justifique a falta de acordo entre a Câmara e a Casa dos Pescadores no sentido de se realizar sem demora o que é justo e razoável, e para se evitarem ditos como este, que escutei: «Parece mentira! Alvor, que é Alvor, tem um lugar coberto para a venda do peixe; não há terra mais desgraçada que esta!»

O útil ao agradável — Felizmente que ainda há em Lagos quem saiba aliar o útil ao agradável.

As obras que um dos proprietários dos terrenos do Pinhão está realizando na parte que confronta com a praia da Caldeira são daquelas que, servindo quem as custeia, servem a colectividade pois o muro que ali se está construindo evitará o desmoronamento de terras pela acção da água das chuvas e embeleza ao mesmo tempo a praia, que sem ele estaria em breve condenada. Acresce que a construção deu azo à limpeza de pedras soltas, que quase inutilizavam praia tão sossegada.

Pena é que o proprietário dos terrenos adjacentes, como lacobrigense que é, e relativamente abastado, não tenha coragem para imi-

tar o vizinho, pois se tal acontecesse a obra ficaria completa, com benefício para os proprietários e para todos os que amam o belo, contando-se então mais um canto privilegiado, sem que as terras argilosas se juntassem à fina areia do mar. Assim, teremos uma espécie de camisa em dois tons, que chamará a atenção dos que por ali passarem e inteirados do que fica dirão, e com razão, que em Lagos apontam-se os que se arriscam sem proveito directo e imediato.

Acesso à praia Formosa — Mais uma época banear passa sem se construir acesso que permita utilizar a praia Formosa, na enchente da maré.

Em face dos clamores dos que constantemente se acham cercados pelo mar, tendo de utilizar fato de banho para a travessia, diz-se que para o ano a escadaria de acesso será um facto.

Eu, porém, que estou habituado a promessas não cumpridas, advogo que se iniciem já os trabalhos para que na próxima época banear se não venha a verificar o que agora se está passando.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Ensino no Algarve

Técnico

A seu pedido, foi exonerado de director da Escola Industrial e Comercial de Loulé, o sr. dr. Fernando Herminio Periquito Laborinho, professor efectivo do 1.º grupo da Escola Industrial e Comercial de Tomar, sendo nomeado, em sua substituição, o sr. dr. José Rosa Martins, professor efectivo do 1.º grupo da Escola Industrial de Torres Novas.

Foram nomeados professores provisórios dos 5.º e 8.º grupos da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António e da de Faro, respectivamente a sr.ª D. Maria de Lurdes Sousa dos Santos e o sr. dr. José Domingos Correia Rosado.

Primário

A sr.ª D. Maria Alzira de Sousa Silva, professora do quadro de agregados, foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. António Manuel Lindo Macedo.

Foi autorizado o funcionamento do 2.º lugar da escola masculina n.º 3 da sede do concelho de Lagos.

VISITE...

Lucílio Matos Toupa

onde encontrarei o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camioneta ou camion, etc.). Resolve os seus problemas tornando-se cliente da casa que mais barato vende e nas melhores condições.

Rua do Alvito, 31-A, 33, 33-A LISBOA, 3

Telefone P. B. X. { 637024 633637

A entrevista com o sr. dr. Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal de Faro

(Conclusão da 4.ª página)

dinho Moreira dá esta boa notícia: — Se não houver motivos sérios que o impeçam (e julgo que não haverá) a execução da ponte da Conceição começará muito em breve, seguindo-se-lhe a do alargamento da da praia, em ordem a poder ser usufruído na próxima época banear.

Faro no turismo da Província

Chamámos-lhe há tempos, nestas colunas, «a responsabilidade de ser capital do Algarve». Cabeça administrativa de um distrito que sobe os degraus da valorização turística, Faro terá de marcar, obrigatoriamente, um papel de destaque na campanha regional.

Atentemos no parecer do sr. dr. Gordinho Moreira sobre a questão: — Sendo Faro o aglomerado populacional mais evoluído do Algarve, capital do distrito, por assim dizer centro geográfico desta vasta região turística constituída pela Província, ponto terminal da principal estrada que liga a Lisboa, zona onde se instalarão o aeródromo e um porto comercial, dispoñdo de condições especiais a sua praia pelas características diferentes de outras (pela existência da óptima pista para desportos náuticos que é a ria) — por tudo isto, está reservado à nossa cidade papel muito relevante no quadro do turismo regional. Os esforços até aqui empreendidos, e que estão patentes, certamente demonstram a atenção que o assunto merece ao Município de Faro, sendo legítimo esperar que essa atenção e esses esforços prossigam no mesmo ou em ritmo mais acelerado.

A posição das Câmaras na presente conjuntura do País

Somos um País em guerra. As inevitáveis restrições de ordem económica decretadas pelo Governo para que torne possível acudir-se à parte ameaçada do território pátrio, levam-nos a inquirir do nosso entrevistado:

— A capacidade de realização das Câmaras será afectada pela presente situação?

— Sem dúvida. A presente conjuntura afectará o poder de realização do Estado e das Câmaras. Não podem deixar de reflectir-se nas nossas possibilidades as consequências do estado de guerra que nos foi imposto do exterior. Isso não significará, no entanto, que se anule essa capacidade de realização. Procurar-se-á mantê-la, a todo o custo, redobrando de esforços e, se necessário, revendo o programa de actividade, no sentido de sacrificar o supérfluo ou menos importante, para atender ao essencial e inadiável.

Com calor: — Porque a guerra vence-se não apenas na frente de batalha, mas também na frente interna!

A extinção do «Bairro da Lata»

Do plano de actividades da Câmara para o ano corrente um ponto registámos com o maior júbilo: a extinção e substituição do famigerado «Bairro da Lata», mazela da cidade.

— Tão necessária e humana determinação continua de pé?

— Continua de pé e vai entrar na fase de realização! Já dispõe o Município da sua parte da verba precisa, obtida por empréstimo contraído na Caixa Geral de Depósitos, está garantida a participação do Estado de 10.000\$00 por fogo e aprovada a localização e a urbanização do bairro. Falta apenas proceder à aquisição dos terrenos. Se a Câmara não concordar com o valor atribuído pelos proprietários ou se houver reacção destes passar-se-á à fase de expropriação judicial.

— Ora, sabendo-se que, de uma maneira geral, são extremamente pobres os moradores do chamado «Bairro da Lata», em que condições passarão a habitar as novas moradias?

— Os moradores desse «Bairro» são de variadíssima condição: há os que não obtêm suficientes meios de subsistência por incapacidade ou invalidez, outros por vício, outros por razões de vária ordem. Não ficará completa a obra se não se tratar de dar a cada um remédio para o seu mal, e aí cabe uma tarefa, que se prosseguirá, de recuperação e de revalorização social.

«Em consequência, certamente melhorará a situação de alguns, a ponto de poderem pagar totalmente os encargos da renda que será evidentemente pequena. Para os restantes funcionarão os serviços de assistência, suprimindo, na medida das necessidades de cada um, as suas carências.

Duas notícias... A fechar

— Sr. presidente: cremos que já lhe roubámos demasiado tempo. Vamos terminar, portanto, mas antes queremos que nos desse quaisquer novidades para a população da cidade. Por exemplo: o que há quanto ao falado ajardinamento do Largo do Mercado?

— O projecto está em elaboração pelos serviços técnicos do Município e deve ser incluído no plano do próximo ano.

— Fala-se também numa interessante pavimentação da Rua Tenente Valadim, com mosaicos de feição regionalista...

— A pavimentação dessa artéria será trabalho a executar muito em breve, logo que o pessoal dos serviços respectivos tenha concluído outros de mais instantânea necessidade.

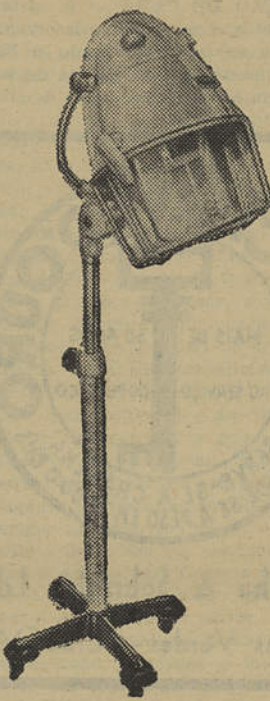
— Alguma novidade mais?...

— Bem, fiquemos por aqui. O que se espera executar no ano de 1962, o que será objecto do plano de actividades a elaborar até 15 de Setembro próximo, terá então a devida publicidade. Não nos antecipemos, portanto.

Aqui terminámos a entrevista

Mário Zambujal

CABELEIREIROS



Se pretendem comprar aparelhagem, mobiliário e outros artigos, é favor consultarem os representantes e importadores de:

- ◆ Secadores MUHOLOS
- ◆ Aparelhos GOUD
- ◆ Produtos KLEINOL
- ◆ Mesas de trabalho EFA
- ◆ Calhas de plástico Imperial
- ◆ Rampas de lavagem de origem francesa

Fabricação própria por pessoal especializado de:

- ◆ Bancadas, modelos originais de ferro e fórmula
- ◆ Cadeiras de trabalho de espera e sofás
- ◆ Mobiliário diverso

D. ABRANTES & IRMÃO, LDA.

com EXPOSIÇÃO permanente e a mais completa no género

Rua Aliança Operária, 42, 1.º, Esq. — Telefone 63 86 98 — LISBOA 3

Todas as corporações de bombeiros do Algarve acudiram ao grande incêndio na região de Odeceixe

Também o Algarve foi vítima dos pavorosos incêndios que se têm registado nas matas e florestas de quase todo o País, devidos ao excessivo calor e ao descuido de pessoas que imprudentemente fazem lume ou atram pontas de cigarros ou fósforos mal apagados para locais onde há matos ou restos. O fogo registou-se na região de Odeceixe e alastrou por uma vasta área de mato e arvoredos, assumindo tais proporções que foram requisitadas todas as corporações de bombeiros do Algarve para lhe acudir, colaborando com as mesmas milhares de populares. Muitos pequenos proprietários ficaram numa situação desesperada, pois as chamas destruíram-lhes as suas propriedades.

Vende-se

Engenho de tirar água, em estado novo, boa ferragem. Tratar na Rua de S. Sebastião, 20 — Castro Marim.

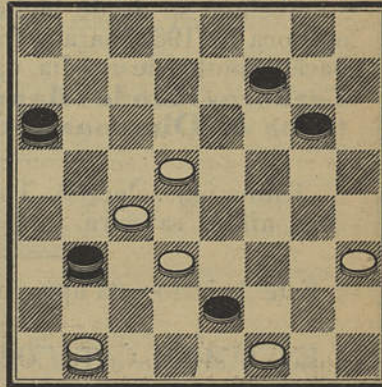
com o sr. dr. Gordinho Moreira. Através dela, e sem pretendermos ter esgotado os assuntos e problemas que se prendem com o primeiro município da Província, julgamos ter dado aos leitores do *Jornal do Algarve* uma ideia mais clara e positiva da forma como se processa a evolução de uma cidade em marcha progressiva.



121

Coordenador: Artur de Matos Marques
Correspondência: Penhascoso — B. Baixa
Proposição inédita n.º 197-A por Rafael Carlos Pedrosa de Almeida — Lisboa

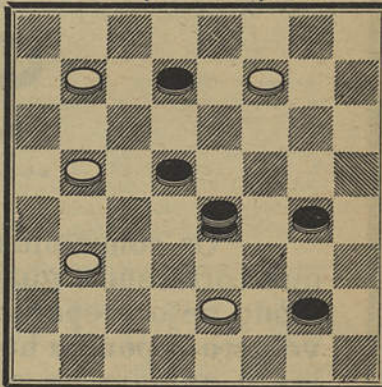
Br. 5 p. 1 d. — Pr. 5 p. 2 d.



Jogam as brancas e ganham
Posição: Br. — 2-(4)-9-11-15-19
Pr. — 6-(12)-21-(24)-26

Proposição inédita n.º 198-A por David Alves Ferreira — Matosinhos

Br. 5 p. — Pr. 4 p. 1 d.



Jogam as brancas e ganham
Posição: Br. — 6-12-20-26-28
Pr. — 5-13-(14)-19-27

SOLUÇÕES

- Proposição n.º 135 (N.)
1-5 e 2-11 e 7-12 e 12-26 — G. Br.
- Proposição n.º 136 (R. C. P. A. F.)
10-13 e 17-21 e 2-24 e 21-31 e 31-4 e 4-32 — G. Br.
- Proposição n.º 137 (Veja-se J. A. n.º 207)
Proposição n.º 137-A (mas sim 137-A) (L. R. M.)
4-7 e 14-4 e 16-20 e 10-6 e G. Br.
- Proposição n.º 138 (D. A. F.)
10-1 e 13-10 e 1-25 e G. Br.
- Proposição n.º 139 (A. M. G.)
12-15, 19-12 (se 19-10; 11-14 e 24-32 — G. Br.); 11-7, 18-11; 7-25 G. Br. Se 7-7 emp. com 21-26.
- Proposição n.º 140 (F. A. B.)
15-6 e 19-23 e 12-15 — G. Br.
- Proposição n.º 141 (F. A. B.)
10-23 e 6-10 e 10-13 e 21-17 e 17-26 — G. Br.

FURGONETAS

Vendem-se, marca «PEUGEOT 203», caixa aberta, estado impeccable. Tratar na Estrada da Penha, 103 — Telefone 777 — FARO.

TINTAS «EXCELSIOR»

A CONFIDENTE COMPRA

A CONFIDENTE VENDE

A CONFIDENTE HIPOTECA

PROPRIEDADES

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS ROSSIO, 3-2º

Telef. 29384-5-6 — LISBOA

O Jornal do Algarve

está à venda nos seguintes locais:

Lagos — Papellaria Paula, Praça Luís de Camões.

Olhão — Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

Silves — Livraria e Papellaria Serrano, Rua João de Deus.

Albufeira — João de Veiga.

Loulé — Jose Isidro Barreto Lamy.

Portimão — Casa Inglesa.

Lisboa — Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Faro — Tabacaria Farracha, Rua de Santo António, 14.

Vila Real de Santo António — Havaneza, Rua Teófilo Braga.

O I Colóquio Gonçalino começa hoje em Lagos sob a presidência do sr. dr. Júlio Dantas

(Conclusão da 1.ª página)

Abolir Sande Lemos. O culto de S. Gonçalo na Família Real Portuguesa, pelo sr. dr. J. Fernandes Mascarenhas. Actualidade de S. Gonçalo, pelo rev. Joaquim Maria de Sousa. Os documentos pontíficos que autorizaram o culto de S. Gonçalo de Lagos, pelo sr. Antero Nobre. S. Gonçalo de Lagos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, pelo sr. dr. Alberto Iria. Subsídios para uma Bibliografia de S. Gonçalo de Lagos, pelos srs. majores Jacinto J. Nascimento Moura e Mateus Moreno. Reflexões de um leigo a propósito de S. Gonçalo de Lagos, pelo sr. dr. Gastão de Sousa de Seves. O culto de S. Gonçalo de Lagos no Colégio Agostiniano Universitário de Coimbra, pelo sr. dr. J. Fernandes Mascarenhas. S. Gonçalo de Lagos nas virtudes e nos defeitos dos algarvios, pelo rev. Oliveiros de Jesus. S. Gonçalo de Lagos precursor medieval dos pedagogos modernos, pelo sr. Antero Nobre. A vida de S. Gonçalo em Lagos, pelo sr. general Leonel Vieira. S. Gonçalo de Lagos e o Cristo do século XX, pelo sr. dr. Jaime Guerreiro Rua.

A sessão inaugural, que se efectua hoje às 11 horas, presidirá o sr. dr. Baptista Coelho, governador civil de Faro e nela usará da palavra, além do sr. J. Ferreira Canelas, presidente do Município, os srs. dr. Júlio Dantas e general Leonel Vieira. A sessão de encerramento, que se efectua amanhã, às 21 e 30, no ginásio da Escola Industrial e Comercial, presidirá o sr. bispo de Faro e nela usará da palavra os srs. drs. Alberto Iria e J. Fernandes Mascarenhas. Também amanhã, às 13 horas, será inaugurada a I Exposição Gonçalina nas salas do Museu Regional de Lagos, sob a presidência do sr. dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta Distrital de Faro, usando da palavra o sr. dr. Mário Lister Franco.

Não pode haver contemp-lações com tais vândalos

ARMAÇÃO DE PERA — É bastante lamentável que nos tempos decorrentes, depois de se ter alfabetizado o País, se verifique ainda a existência de indivíduos sem as mínimas noções de civi-

dade e absolutamente perniciosos ao bem-estar e tranquilidade sociais.

Não vão decorridos muitos dias que uns vândalos, até agora não identificados, derrubaram e partiram, por duas vezes, as placas de sinalização das estradas, ignorando-se se a Polícia, a G. N. R. ou qualquer outra autoridade os descobriu e puniu. Dias passados, outros inimigos públicos derrubaram bideões de alcatrão no meio da estrada e não contentes com a ignóbil proeza ainda arrancaram a caixa do correio que se encontra à entrada da povoação e colocaram-na sobre a capota de um automóvel no centro desta localidade. A G. N. R. e a P. S. P. puseram-se em campo, proibiram que se tocasse na caixa do correio para recolha das impressões digitais (ficando o dono do carro impossibilitado de ir à sua vida) prenderam alguns indivíduos que estavam inocentes, etc. E tudo acabou — pasmal ó gentes! — desta maneira: descobertos os autores da proeza (responsáveis pelos danos, prisão de inocentes e outros incómodos) foram admoestados e mandados em paz, com a recomendação de que não tornassem a repetir a proeza.

Em face disto pergunta-se se o Código Penal português está feito aos moldes e aos interesses de cada classe social. E ainda se pergunta se amanhã outros vândalos menos protegidos praticarem proeza idêntica, como procederá a autoridade?

Noutros tempos a mocidade, que era menos instruída, que não tinha aparentemente tantas preocupações supostamente espirituais, que não passavam, afinal da pura impostura, frequentavam bailes, convívios, divertia-se e o único «desacato» que praticava era percorrer de madrugada, as ruas da povoação a cantar uma serenata. Era assim noutros tempos «menos» civilizados, de menos «ilustração» e de menos outras superfluidades, a mocidade: divertida, respeitadora, ordeira.

Agora, à noite, somos despertados pelo ruído das bicicletas motorizadas, pelo estilhaço das lâmpadas eléctricas, pela algazarra das discussões que degeneram às vezes em desordem e até já alguns «brincalhões» atravessaram automóveis nas ruas da localidade.

E, afinal, tudo isto, que se toleraria em indivíduos brancos, analfabetos e facinoras de natureza, é praticado por pessoas que nos deixam surpreendidos, por indivíduos que até frequentam o casino e que partem e destroem tudo que apanham à mão: cinzeiros, cadeiras, lâmpadas, tulipas, jornais e revistas e até a própria televisão.

Em face do que se passa, teremos, como em África, que constituir uma milícia que imponha a ordem e dê fim a estes terroristas brancos. Assim o exigem a tranquilidade e a segurança públicas. — E. S. P.



Vilarinho & Sobrinho, Lda.
Janelas Verdes — LISBOA

Em Portimão

Loja com grande montra e controloja, em edificio acabado de construir, na Rua Infante D. Henrique fazendo gaveto com a Rua A. Feliciano de Castilho. **Pode servir para farmácia.**

Trata, na mesma cidade, Alfredo dos Santos Júnior — Rua Mouzinho de Albuquerque.

Hotel Vasco da Gama Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

TELEF. 821-822-823 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



As pilhas mais perfeitas e as de maior duração

Distribuidores

RÁDIO STAR

R. de S. Nicolau, 56 — LISBOA — Telef. 369637



Não devem ser inutilizados os belos azulejos do Jardim João Serra, em Olhão

Os acontecimentos mais brilhantes da história de Olhão, foram re-produzidos pelo incomparável azulejista Jorge Colaço, nos maravilhosos azulejos que revestem os bancos do Jardim João Serra, único recanto de frescura nas tardes calmosas de Verão, mas que agora está a ser destruído para dar lugar ao Palácio da Justiça.

A fotografia de um destes bancos, ilustra um curioso artigo publicado na revista brasileira «Eu Sei Tudo», em 1956, sobre o feito dos olhanenses em 1808, e tem a seguinte legenda:

«Chegada do caíque «Bom Sucesso» ao Rio de Janeiro, em 22 de Setembro de 1808. Banco de azulejos de Jorge Colaço, no Jardim João Serra, em Olhão, Portugal.

«Mestre Jorge Colaço, pai de Tomás Ribeiro Colaço, brilhante colaborador do «Correio da Manhã», foi um dos maiores pintores azulejistas que Portugal jamais possuiu. Os seus painéis de azulejos encontram-se espalhados por todo o mundo e são famosos, como os da Soc. das Nações, em Berna, na Suíça».

Pois alguns dos referidos bancos que já vinham sendo votados ao abandono, encontram-se quase cobertos por montes de terra e pedra, num desprezo absoluto pelo seu valor.

Já que se não pôde salvar o belo jardim, salve-se ao menos o que resta destes valiosos azulejos que, cuidadosamente aproveitados, poderiam ter um dia o lugar que merecem e, esse lugar, seria, no meu entender, a revestir o átrio de uma futura Escola Técnica, de que se fala, para que os jovens olhanenses pudessem ainda ver, nesses quadros os feitos gloriosos dos seus antepassados. — Adriano Ramos

UVA DE MESA

Vende-se cerca de 700 a 800 arrobas de uva de mesa, junto à estrada nacional.

Dirigir-se a Jacinto Guerreiro — Vale Sernadas — S. Martinho das Amoreiras.

Antigermina

Poderoso desinfectante preventivo e curativo para combater todas as doenças de:

- Galinhas e aves de bico, coelhos, porcos e outros animais.

Distribuidores:

- PORTALEGRE — Estabelecimentos Silva Frelhas
- ES REMOZ — Agro-Comercial Estremoz, Lda
- ÉVORA — Societ. Farmac. Alentejana, Lda.
- BEJA — Sagrol
- PORIMÃO — Drogeria Moderna
- TAVIRA — José Damão Neto

Distribuidores Gerais:

MORAIS-PEQUENO, LDA.
Rua de S. Ciro, 65-B — LISBOA-2
Envia-se Literaturas e Amostras
ACEITAM-SE AGENTES

VENDE-SE

Talhões de terreno para construção urbana em local autorizado no sítio das Hortas, a pouca distância de Vila Real de Santo António. Informa-se na Redacção deste jornal.

Aviário da Quinta de Sameiro CAMPO DE BESTEIROS

Aceitam-se desde já inscrições em definitivo, para a época de 1962, para o fornecimento de ovos de incubação e pintos de um dia, das raças: **New Hampshire, Leghorn, Rhode Island Red e híbridos, importadas da Dinamarca com pedigree individual.**

Esmerada selecção. Todas as aves são controladas com ninho ratoeira.

Este Aviário está aprovado pelas entidades oficiais

ENVIAM-SE CATÁLOGOS A QUEM OS PEDIR

Terrenos para construções

Em áreas urbanizadas, VENDEM-SE: em FARO — Bairro do Bom João, próximo ao liceu, na quinta onde está instalada a Casa dos Rapazes. ALBUFEIRA — No Serro da Piedade com excelente vista panorâmica de campo e mar, próximo à praia do Peneco e Baleeira, no Bairro Social.

Dirigir-se a Manuel Bentes Júnior-ALBUFEIRA

Correspondência entre militares em serviço no Ultramar e seus familiares

Para beneficiar da isenção de franquia na correspondência dos militares em serviço no Ultramar para suas famílias e madrinhas de guerra deve observar-se as seguintes condições:

- 1.º — Só são isentos de franquia os modelos de carta e postal, editados pelo Movimento Nacional Feminino.
- 2.º — O papel de carta, já aprovado pelos C. T. T., será distribuído aos militares nos Comandos do Ultramar e nas suas unidades.
- 3.º — No remetente é obrigatório indicar, à frente do nome do militar, o seu posto e número.
- 4.º — No movimento da correspondência do Ultramar para a Metrópole, devem os militares entregá-la nos respectivos Comandos ou em mão em qualquer estação dos C. T. T. U., sendo feito por via aérea o seu transporte para o destino.

A correspondência dos familiares e madrinhas de guerra para os militares obedece às seguintes condições:

- 1.º — Só são isentos de franquia os modelos de carta e de postal, editados pelo Movimento Nacional Feminino.
- 2.º — A aquisição do papel de carta, já aprovado pelos C. T. T., pode ser feita, ao preço de \$20, na sede do Movimento Nacional Feminino, em Lisboa, na Rua Presidente Arriaga, 6-1.º, e em todas as comissões distritais e concelhias do referido Movimento nos estabelecimentos por elas indicados e nas Juntas de Freguesia.
- 3.º — A correspondência no continente e ilhas destinada aos militares no ultramar deve ser entregue, em mão, em qualquer estação dos C. T. T., em qualquer ponto do País, sendo feito por via aérea o seu transporte para o destino.

IMPRENSA

«O Setubalense» — Entrou no 31.º ano de publicação este nosso prezado colega da próspera cidade de Setúbal, o qual tem como principal orientador o prestigioso jornalista Guilherme Faria.

«Rodoviária» — Acabou de dar «seis voltas à pista», que é como quem diz cumpriu seis anos de vida, esta publicação dedicada ao turismo e ao automobilismo e que na Imprensa da especialidade conquistou um lugar marcante, quer pela boa colaboração que mensalmente nos brinda, quer pela cuidada execução gráfica. Ao seu director, o nosso amigo Oliveira Santos, apresentamos felicitações.

«Mensagem do soldado»

Os componentes das Forças Armadas poderão gravar em Luanda mensagens que por iniciativa de Rádio Clube Português e Rádio Clube de Angola serão transmitidas para suas famílias pelos emissores da Parede e Miramar. Os horários são os seguintes: **Emissor da Parede:** terças, quintas e sábados, às 22.30. **Emissor de Miramar:** segundas, quartas e sextas-feiras, às 20.10. O cumprimento deste horário dependerá evidentemente da regularidade na recepção das bobinas enviadas de Angola. Qualquer alteração será anunciada repetidas vezes.

CALHAU

Grado e miúdo e areia doce, vende-se no sítio do Alto, em S. Bartolomeu do Sul. Trata Albano da Conceição Horta, no aludido sítio.

MOTORES MARÍTIMOS DIESEL

SAMOFA

PARA EQUIPAR PEQUENAS EMBARCAÇÕES.

ECONÓMICOS E DE FÁCIL CONDUÇÃO.

DE 8-10-15 E 30 HP.

C. SANTOS LDA. LISBOA - PORTO
COIMBRA - OLHÃO

BRINDES DO LEITE EM PÓ VITAMINADO SUIL

Os consumidores do leite em pó «Suil», 1/2 Gordo ou Magro, que cortarem e guardarem o lado de cada embalagem onde se lê o modo de o preparar e a composição — isto é, o reverso de cada envólucro — podem habilitar-se aos brindes a seguir descritos, conforme o número de embalagens colecionadas:

- 20 Embalagens — 1 bonito copo de vidro para água ou vinho, decorado com o emblema de um dos 6 clubes nacionais de Futebol de maior categoria, ou com figurinhas de trajos regionais.
- 40 Embalagens — 1 chávena almoceira, de melamina inquebrável, em cores variadas, própria para os pequenos almoços de crianças e adultos.
- 80 Embalagens — 1 talher de aço inoxidável, em 2 modelos à escolha, do melhor fabrico nacional, num estojo de cartão.
- 100 Embalagens # 80\$00 — 1 relógio-despertador, muito útil e elegante, da acreditada marca «Boa Reguladora».
- 150 Embalagens # 150\$00 — 1 magnífico ferro eléctrico automático regulável para cada tecido, marca alemã «Grossag», de qualidade superior.

ATENÇÃO: — As embalagens que dão direito aos brindes são, de preferência, as que indicam prazo de validade de Novembro de 1961 por diante, mas convém consultar a esse respeito os seus Fornecedores habituais.

Para mais detalhes, queira dirigir-se em simples postal à:

SUIL, LDA.

Telefone 74

VILA DA FEIRA

**D'AQUI,
RIO ARADE...**

A limpeza

VAMOS hoje começar a tocar ao de leve em pequenos assuntos que, ainda que aparentemente despercebidos, quando isolados, no seu conjunto destoam do bom arranjo que uma cidade mostra aos seus habitantes e a quem a visita, eventual ou permanentemente. Porque, às vezes, não são apenas os grandes problemas que influem na vida citadina; também os pequenos casos têm a sua preponderância no todo de que fazemos parte.

Há já vários meses que a Câmara Municipal de Portimão pôs ao serviço da limpeza da cidade uma viatura automóvel, substituindo as antiquadas e inestéticas carroças que, desde tempos imemoriais, procediam cotidianamente à recolha do lixo. Podia parecer, à vista desarmada, que o sistema conduziria a uma mais rápida execução de tal serviço e assim foi no princípio, quando, por volta das oito horas da manhã, as ruas da baixa tinham sido percorridas por tão útil viatura. Mas foi no princípio; agora vem mais tarde e, em certos dias, só passa quase às dez, quando a esplanada do Café Nacional está bastante frequentada, não sendo raro existirem, sobre as mesas, chavenas de café e pratos de bolos. E, como a velocidade é inimiga da boa execução, é frequente verem-se pelo chão, quando não pelo ar, os papéis que se escapam da caixa do caminhão.

Também a limpeza das ruas é feita até bastante tarde. Por volta das dez horas da manhã ainda se vê andarem a varrer as ruas principais, o que não nos parece ser medida da melhor higiene, quando muita gente já anda na sua lida cá fora, quer siga para o trabalho, quer se encaminhe para a praia e, neste segundo caso, a quase maioria são pessoas de outras terras que nos visitam e irão ser as melhores ou as piores propagandistas da cidade-menina espreguiçando-se à beira do Arade.

Não haverá, por isso, possibilidade da recolha do lixo e a limpeza das ruas serem feitas o mais cedo possível, para defesa do bom nome da terra e como preceito elementar de higiene?

MARIO LEPPO

EXAMES. Ofereça uma arma de pressão de ar



Carabinas, Pistolas, etc.
(isentas de licença)

O maior sortido, das marcas WALTHER, DIANA, B. S. A., WEBLEY e outras.

Chumbo de cal. 4,5 mm. e 5,5 mm. de origem alemã e inglesa. Alvos de todos os tipos.

SETAS DE MÃO DE CORES SORTIDAS E ALVOS EM CORTIÇA.

A. M. SILVA
ARMEIRO

Rua da Betesga, 1-LISBOA-Telef. PBX 31313/4/5

ARMAS - MUNIÇÕES - CAÇA - PESCA - DESPORTOS

**DE QUARTEIRA
UMA CARTA DO BRASIL**

Relacionada com a notícia que este jornal publicou no dia 15 de Julho, de que o professor da Universidade do Recife dr. Gonalves de Melo, estava escrevendo uma biografia do general Francisco Barreto de Menezes, que foi o restaurador de Pernambuco, em 1649 e governador geral do Brasil, recebeu-se um pedido de informação sobre um documento indispensável ao referido professor, para terminação daquela biografia.

Estamos certo de que, se entre os nossos leitores houver quem dele tenha conhecimento, não deixará de no-lo indicar, porquanto assim se prestará um bom serviço à divulgação dos feitos heróicos de um algarvio ilustre do século XVII. Eis o trecho da carta:

«Permita-me que lhe solicite informações acerca da existência, em arquivos do Algarve, de documentos relativos a Francisco Barreto de Menezes, restaurador de Pernambuco. Trabalhei durante muitos meses no Arquivo Histórico Ultramarino, na Torre do Tombo e outros de Évora, Coimbra, Porto e Lisboa, além do Arquivo Geral do Reino da Holanda, Arquivo da Casa Real do mesmo país, etc. Consegui reunir mas-

sa considerável de documentos a ele relativos, mas não tive a sorte de encontrar o testamento com que ele faleceu nem elementos relativos à contenda judicial que manteve sobre o morgadio de Quarteiras.

Uma carta de Lisboa

Assinada pelo sr. director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, recebeu-se a seguinte comunicação:

«... Tenho a honra de informar de que não consta nos processos arquivados nesta Direcção-Geral, ter sido emitida qualquer autorização para demolição da Fortaleza de Quarteira».

O maravilhoso clima de Quarteira

Em 1 de Julho último publicámos, sob o título «Aguarela algarvia», algumas observações do meteorologista dr. Domingos Ramalhet, acerca do clima de Quarteira, através dos números colhidos na Estação Meteorológica de Quarteira e que estão publicados nos boletins do Serviço Meteorológico Nacional. Contaram-nos há dias que uma família francesa, veraneando em Quarteira, transmitiu ao médico local as suas impressões sobre este clima: «o nosso filho, de 15 anos, sofria permanentemente das vias respiratórias superiores, tendo já tido necessidade de duas intervenções cirúrgicas. Desde que chegámos a Quarteira, tem ele passado tão bem de saúde, que quase estamos tentados a transferir a nossa indústria, dos arredores de Paris, para esta região».

Caro amigo francês; daqui o incitamos a não desistir da ideia. O nosso conceito bem precisa que alguém, com espírito de iniciativa, estude a possibilidade de instalação de indústrias que aumentem o seu valor económico.

Assistência clínica aos pescadores

Com a saída, para o serviço militar, do médico da Casa dos Pescadores, voltou a estar vago o lugar de médico local. Porém, com os seus 1.000 pescadores inscritos na Delegação Marítima, necessitava-se de médico assistente, residindo em Quarteira, para evitar casos como o que sucedeu há algum tempo, de ter falecido, por falta de assistência, um pescador cujo barco se voltou à beira-mar, durante um temporal de Inverno.

Na verdade, existindo possibilidades de que o médico da Casa dos Pescadores resida em Quarteira permanentemente, por que se há-de ir contratar um que resida em Loulé ou Faro?

QUARTEIRENSE

**COMERCIANTES!
INDUSTRIAIS!**

A economia do País exige maior reactivação nos negócios. A propaganda é fundamental para tornar conhecidos os produtos e para interessar o público na sua aquisição.

Se quiser vender recorra à larga expansão dos maiores jornais regionais:

- ALGARVE «Jornal do Algarve» — Vila Real de Santo António
- DISTRILO DE AVEIRO «Litoral» — Aveiro
- BEIRA BAIXA «Jornal do Fundão» — Fundão
- DISTRILO DE BRAGA «Notícias de Guimarães» — Guimarães
- DISTRILO DE ÉVORA «Jornal de Évora» — Évora
- RIBATEJO «Correio do Ribatejo» — Santarém

A expansão destes jornais assegura à indústria e ao comércio a divulgação nas suas regiões dos produtos que se queiram vender.

II Gincana de Bicicletas no Parque de Campismo de Monte Gordo

Realizou-se no sábado passado a II Gincana Ciclista no Parque de Campismo de Monte Gordo, à qual assistiram muitos campistas e visitantes e que resultou em alegre jornada de camaradagem.

Foram organizadores os srs. Rui Martins, do Núcleo Campista Flor de Lis, de Vila Real de Santo António e Eduardo Conceição Pires, do Clube Desportivo Os Olhanenses e membros do júri os srs. Álvaro Correia de Carvalho, do mesmo clube e Virgílio Paula dos Anjos Pojejo, do Núcleo Campista Rio de Mouro, de Lisboa.

Foi elevado o número de concorrentes, senhoras e homens, sendo a seguinte a classificação:

Senhoras — 1.ª, D. Maria Rosa Ferreira, do Clube de Campismo do Barreiro; 2.ª, menina Maria Luísa Horta Pena, do Núcleo Flor de Lis; 3.ª, menina Maria Suzel da Conceição Pires, do Clube Desportivo Os Olhanenses.

Homens — 1.º, Agostinho Viegas Afonso, do Núcleo Flor de Lis; 2.º, Luis do Carmo Silva, de Vila Real de Santo António e 3.º, Eduardo Conceição Pires, do Clube Desportivo Os Olhanenses.

A noite realizou-se uma pequena festa em que colaboraram vários campistas e o pequeno acordeonista de 9 anos João Manuel da Rosa Ferreira, procedendo-se à entrega dos prémios. Num gesto simpático, o produto lido da gincana, foi oferecido aos pobres de *Jornal do Algarve*, lembrança que agradecemos.

As provas de motonáutica na foz do Arade

Na foz do rio Arade disputaram-se as provas de motonáutica organizadas pela Associação Naval Infante de Sagres, de Portimão, com os seguintes resultados:

Classe A, 10 a 20 HP — 1.º, eng. José Miguel Araújo; 2.º, José Martins; 3.º, Nunes dos Reis; 4.º, Joaquim dos Santos; 5.º, Jeremias Bravo.

Classe B, 25 a 40 HP — 1.º, Diogo Pessanha; 2.º, Mário Gonzaga Ribeiro; 3.º, Vitorino Castelo; 4.º, Nuno Mendes; 5.º, José Maria Casimiro; 6.º, Pereira da Rocha; 7.º, José Lourenço Pinto; 8.º, João Ramos; 9.º, Francisco José Mendes Furtado; 10.º, José Monteiro.

As provas de vela e de remo foram prejudicadas devido à violência do vento e as de motonáutica foram seguldas por numerosa assistência. À noite, no Casino da Praia da Rocha, realizou-se uma sessão para distribuição de prémios.

GINCANA na Praia da Rocha

Na linda Praia da Rocha, realiza-se amanhã às 15 horas uma gincana de automóveis, motos e «scooters», organizada em conjunto pela Comissão Municipal de Turismo e pelo Portimonense Sporting Clube. As inscrições efectuam-se no local, junto ao casino daquela praia, a partir de uma hora antes do início das provas, e na sede daquele clube, onde se encontra patente o regulamento. A distribuição dos prémios realiza-se à noite no casino, com entrada grátis aos concorrentes, revertendo o produto da prova para a comissão encarregada da angariação de fundos destinados à aquisição de um autocarro para aquele valoroso grupo barlaventino.

CASA em S. Brás de Alportel

Aluga-se casa em S. Brás de Alportel ou arredores, ao mês ou ao ano, de preferência com boas comodidades. Ofertas à Redacção deste jornal ao n.º 1.167.

O levante coincidindo com a maior maré do ano causou estragos na costa algarvia e ocasionou a perda da traineira «Norte»

Um fenómeno que raramente se verifica na costa algarvia ocorreu no domingo: a maior maré do ano, coincidindo com o levante tempestuoso, ocasionou alvoroço em todo o litoral. Nas Cabanas da Conceição (Tavira) o mar embravecido cortou o ilhéu fronteiro, destruiu as obras de protecção da localidade e invadiu as ruas e casas onde causou estragos. Na Fuseta, as águas, ultrapassando o cais, alastraram pelas ruas da parte baixa da localidade, causando grandes prejuizos, sobretudo na Rua Dr. Virgílio Inglês onde encheram a enorme vala na qual os operários da Câmara de Olhão trabalhavam na reparação dos esgotos.

As ilhas de Tavira e da Armona ficaram em grande parte submersas, afogando os banhistas. No Areal, as ondas derrubaram a esplanada do sr. Eugénio do Nascimento Dias e fizeram perigar as vidas dos menores José Custódio e João Manuel, tendo corrido perigo o sr. António Correia e a menina Maria do Carmo Patrão que se lançaram à água para os salvar. Em Lagos as vagas provocaram também estragos na Avenida Marginal e outros danos de menor monta se registaram noutros pontos da costa.

O maior desastre verificou-se com a perda da traineira «Norte» do armador sr. José António Ritta, que açoitada pelas fortes vagas do Sudoeste encalhou nos baixos de areia da barra do Guadiana. Em face do perigo de imminente afundamento, fizeram os pescadores angustiosos apelos transmitidos de bordo pelo radiotelefone para o posto de Vila Real-Pesca e para as embarcações que se encontravam perto. Acorreram prontamente as traineiras «Vulcão» e «Agadão», a enviada «Armarca» e os acostados «Sudoeste» e «Borrasca» que não puderam aproximar-se da «Norte» dado o perigo que corriam os barcos e seus tripulantes. Com grandes dificuldades foram lançados cabos ao barco sinistrado com o auxílio dos acostados e das chatas de bordo, procedendo-se assim, ao salvamento dos tripulantes que foram recolhidos pela «Vulcão» e transportados para o porto. Não houve felizmente perdas de vidas a lamentar, mas a «Norte» perdeu-se totalmente com todos os seus apetrechos e materiais. Durante as operações de salvamento sofreu importantes avarias o acostado «Sudoeste», que está recebendo reparações num dos estaleiros da Vila Pombalina. Infelizmente não existem meios de salvamento na área da capitania de Vila Real de Santo António; no entanto, o sr. capitão do porto ao ter conhecimento do desastre tomou prontamente as providências ao seu alcance, mandando aporantar, com bóias e cintos, um dos barcos da Corporação dos Pilotos, a bordo do qual seguiu para o local do sinistro, e fazendo sair também um barco de borraça do navio hidrográfico «João de Lisboa» que na ocasião se encontrava surto no porto, mas que todavia não chegaram a prestar serviços em virtude de estar a decorrer normalmente o salvamento dos marítimos. Para o naufrágio contribuiu o facto da barra se encontrar em péssimas condições, devido ao pouco interesse que lhe dedicam as entidades competentes, de desinteresse que chega ao ponto de ainda

não terem sido repostas as bóias luminosas n.ºs 2 e 6, que foram removidas há cerca de um ano, e de continuar adernada e sem iluminação a bóia n.º 4. É bastante lamentável tal desinteresse, mas quase já nem vale a pena reclamar. Quando tudo se perder ficaremos tranquilos — porque já não resta nada para se perder!

NECROLOGIA

Manuel da Costa

Em Vila Nova de Cacela faleceu o sr. Manuel da Costa, de 80 anos, natural do Azinhal, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Gonçalves Costa, pai da sr.ª D. Conceição Pereira Costa e do sr. António Gonçalves Costa, funcionário superior da firma Pablos Lda., sogro do sr. José António Costa e da sr.ª D. Rosália Fernandes Gonçalves Costa e avô de Isabel Maria, António Manuel e Rui José Pereira Costa e Costa e de Isabel Maria Fernandes Gonçalves Costa.

Luis de Jesus de Brito

Faleceu em Alcoutim o sr. Luis de Jesus de Brito, de 86 anos, viúvo, que foi durante muitos anos funcionário do Estado em Lourenço Marques. Geralmente estimado, a sua morte causou grande pesar, tendo o funeral registado larga concorrência.

D. Manuela da Costa Marreiros

Em Lagos faleceu a sr.ª D. Manuela da Costa Marreiros, mãe da sr.ª D. Manuela Canelas da Costa Marreiros e do sr. António Canelas Marreiros, professor da Escola Industrial e Comercial de Silves; irmã das sr.ªs D. Brigida da Costa Vieira, casada com o sr. general Leonel Neto Vieira, e D. Adelina da Costa Azevedo, casada com o sr. José de Azevedo, e dos srs. capitães João Josino da Costa e Josino da Costa; e sogra do sr. dr. Abel Joaquim da Gama Vieira, notário em Lisboa.

Também faleceram: EM MONTE GORDO — o sr. Miguel Serrano, de 58 anos, casado com a sr.ª D. Mariana Estêvão.

EM VILA NOVA DE CACELA — o sr. Manuel António Leitão, de 76 anos, natural da mesma vila, casado com a sr.ª D. Rita Maria.

EM TAVIRA — a sr.ª D. Teresa de Jesus Luciano da Silva, viúva do sr. José Anastácio Dinis Gago.

EM SETÚBAL — vítima de desastre, o sr. Mário Martins José, de 35 anos, motorista, natural de Loulé, casado com a sr.ª D. Maria José Sousa Neves.

EM ALMADA — a sr.ª D. Maria Joaquina Gonçalves, de 78 anos, natural de Silves, viúva, mãe das sr.ªs D. Felicidade Gonçalves Henriques Carneiro e D. Cecília Maria Gonçalves Henriques Coelho e dos srs. José António, Américo Gonçalves e Ernesto Gonçalves Henriques.

— a sr.ª D. Mariana de Jesus Lucas, de 80 anos, natural da Vila do Bispo, viúva.

EM LISBOA — o sr. João Lopes Nicolau, de 83 anos, natural de Tavira, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa, aposentado, casado com a sr.ª D. Maria Trindade e tio do sr. Alexandre Maria dos Santos.

— o sr. Manuel António dos Reis, de 65 anos, natural de Olhão, industrial, casado com a sr.ª D. Maria do Rosário dos Reis e irmão da sr.ª D. Maria da Conceição dos Reis Ratinho e do sr. João Filipe dos Reis.

— o sr. António Martins Correia, viúvo, de 73 anos, natural de Alcantarilha, tio dos srs. Virgílio Martins Correia e Carlos Martins Correia e do sr. D. Esmeraldina Martins Pinheiro.

— a menina Alzira Martins da Rosa, de seis anos, natural de Vila Real de Santo António, filha da sr.ª D. Olga Martins e do sr. Rafael Calvino Martins.

— o sr. Fernando Augusto Pereira de Lima, de 57 anos, natural de Castro Marim, administrador de circunscrição em Angola, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Cunha de Lima, pai das sr.ªs D. Maria Isabel e D. Fernanda Maria Cunha Pereira de Lima.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

Os C. T. T. no Algarve

A seu pedido foi transferido da rede de Ambulâncias Postais, com sede em Lisboa para a estação de Alcantarilha o operador do quadro de reserva sr. Armando Vasques Torres Furtado.

Festa de fados no Casino Oceano, de Monte Gordo

Como noticiámos, realiza-se amanhã no Casino Oceano, de Monte Gordo, uma festa promovida pela Comissão de Assistência e cujo produto reverte a favor das vítimas do terrorismo em Angola e da assistência local. Colaboram o consagrado cantor D. Vicente da Câmara e o sr. dr. António Teixeira Marques.

TINTAS «EXCELSIOR»

TIRO DE PICHÓN AYAMONTE

Sábado 2 y domingo 3 de Septiembre de 1961

Extraordinarias tiradas con importantes prémios fijos y valiosas Copas de plata

Tardes y noches Fiestas de Sociedad con animados bailes

Premios para señoras y señoritas Servicio de Bar, Restaurant ARMERIA CARTUCHOS

PIRELLI
PNEUS ANTI DERRAPANTES

CHOCADÉIRAS «PAL»
(FABRICO FRANCÉS)
Eléctricas, petróleo e mistas. 50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baratos do mercado.
PINTOS DO DIA
Importação dos E. U. A., Holanda e Dinamarca durante todo o ano
H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA.
P. do Município, 19-2.º — LISBOA-2 — Telefones 2 12 41 e 2 50 85

FIOS TRICOT
A. NETO RAPOSO
Vai para férias? Então não esqueça o s/ tricot. Consulte a n/ casa e ficará cliente. AUSTRÁLIA desde 100\$00 o quilo. Sucesso em cores nos tipos Bouklet SISSI, DIOR, BETTINA, PIRILAMPO, TWEEDS, ESCOCESA, CACHEMIRA, MESCLAS, RAFIAS, PERLAPONT e ALGODÕES, tudo a preços de fábrica.
Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Dto. — Telefone 26501 — LISBOA
Peçam amostras grátis Enviamos encomendas à cobrança

Vende-se por andares na praia de Monte Gordo
Óptimas habitações com 3, 4 e 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinhas e quintais, na Rua Tristão Vaz Teixeira e Rua Gongalo Velho.
Informa-se no local ou na Sociedade de Construções, Lda., Avenida da República, 62 — FARO.

SR. AUTOMOBILISTA
Confie no êxito da reparação do seu carro, montando no motor os segmentos de lâmina e mola da já consagrada marca
DEVES
Repres.: **F. PEREIRA HERDEIROS, LDA.**
R. da Conceição da Glória, 22-24-Telefs. 369763-23115-LISBOA
Agente no Algarve **E. V. A.** — FARO

Clube Marítimo Armacenense
ARMAÇÃO DE PERA
SORTEIO PRÓ-SEDE
Para os devidos efeitos se informa que a data da extracção deste Sorteio foi alterada, por motivos imprevistos, para 29 de Agosto de 1962. Os números premiados, com a indicação dos respectivos prémios atribuídos, serão publicados no dia seguinte nos principais jornais de Lisboa.
O Presidente,
Eurico Santos Patricio

A Siderurgia Nacional, inaugurada pelo sr. Presidente da República, materializa uma velha aspiração da indústria portuguesa a

PORQUE número apreciável de algarvios investiu capitais na Siderurgia Nacional achamos oportuno arquivar alguns apontamentos acerca da inauguração dessa importantíssima e nova indústria, apontamentos que têm por fim, principalmente, dar ideia aos algarvios ausentes da Pátria do importante acontecimento que tanto vai influir na vida económica da Nação.

Além do Chefe do Estado, assistiram os srs. ministros de Estado, da Economia, das Finanças e das Corporações, secretários de Estado do Comércio e ministro e subsecretário das Obras Públicas.

Já em artigos que temos publicado demos uma ideia do que são as importantes instalações do Seixal, pelo que nos limitaremos, como dissemos, a alguns apontamentos. Assim na sessão solene inaugural, o sr. António Champalimaud, presidente do conselho de administração da Siderurgia Nacional e o verdadeiro entusiasta e arquitecto da poderosa organização fabril, pronunciou um extenso discurso em que fez a história do ferro através das idades e em especial no nosso País. Referindo-se à Siderurgia, disse:

«O mar impôs a localização e o alto forno deu a marca a todo o projecto. A sociedade, Siderurgia Nacional, constituiu-se em Dezembro de 1954, sendo ministro da Economia s. ex. o sr. dr. Ulisses Cortês, e, após três anos de aturado trabalho, tanto do Governo como da empresa, foi aprovado em Abril de 1957, pelo Conselho Económico, o seu estatuto económico-financeiro. Os Planos de Fomento, que vêm dando nova fisionomia à Nação, sancionaram, em definitivo, a criação da siderurgia em Portugal. Estavam dados, assim, os passos decisivos. E às insinuações de calúnias traçoceiras — fruto inevitável de invejas e despeitos que sempre acompanham os empreendimentos de vulto — respondemos, mandando enterar aqui, no Seixal, a totalidade das possibilidades financeiras, cuja direcção representávamos. Que importavam as pressões e ameaças, se à causa da indústria em Portugal, já vínhamos sacrificando valores que quase se comparavam ao valor da própria vida? Nos seus altos desígnios, quis Deus, porém, que tudo corresse bem.

«Iniciada a construção civil em 25 de Fevereiro de 1959, começou o forno eléctrico a funcionar, embora em regime experimental, em 31 de Março pas-

quem oferece possibilidades de maior desenvolvimento

sado. Isto significa que, montando o investimento total desta fábrica a 2.600.000 contos, a empresa dispôs de quadros dirigentes e técnicos, capazes de fazerem singrar a obra, não obstante o ritmo de dispêndio médio diário da ordem dos 3.000 contos. Parece-me que estamos todos de parabéns!».

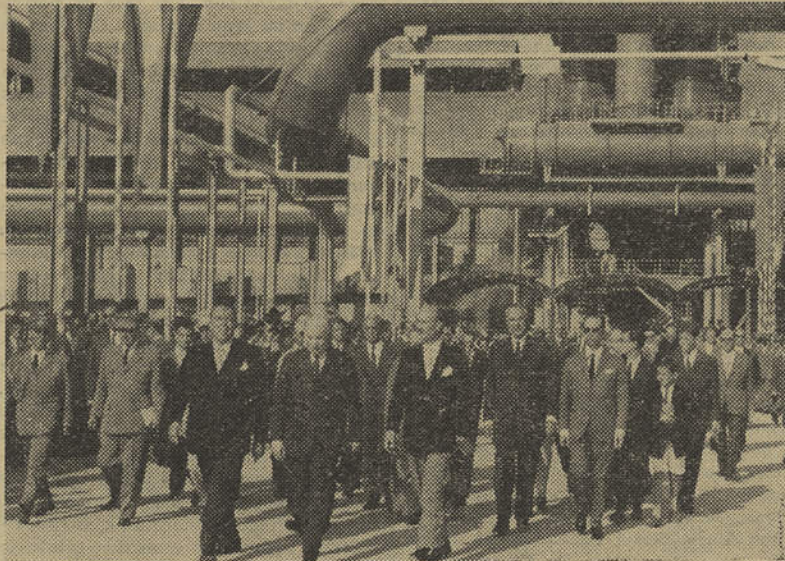
A ampliação e a expansão de fabrico da Siderurgia

Eis outras passagens do discurso do sr. António Champalimaud, a propósito dos apoios que encontrou da parte dos organismos do Estado e da iniciativa particular:

«O Estado e a iniciativa privada, cada um no lugar que a Constituição Políti-

cas para as centrais eléctricas convencionais e, em breve, para as atómicas, e para o fabrico, em futuro que desejamos próximo, de grandes motores, turbinas, bombas, compressores, automóveis, tractores, armas, munições e equipamento industrial.

«Por forma a melhorar o grau de integração do nosso complexo siderúrgico, teremos também de instalar uma fábrica de coque que, além de nos tornar menos vulneráveis em ocasiões de crise internacional, nos permitirá uma melhor rentabilidade global. Depois de um século de conservantismo, a indústria siderúrgica dá mostras de grande rejuvenescimento técnico e talvez não venha longe o dia em que vejamos o alto forno utilizar hidrogénio



O sr. Presidente da República, acompanhado dos membros do Governo e do sr. António Champalimaud, visitando as instalações da Siderurgia Nacional

ca lhe atribui, marcharam assim, lado a lado, em franca e leal colaboração. Em resultado desta colaboração, a riqueza nacional acusará, a breve trecho um incremento da ordem de um milhão de contos, se contarmos com os intensos efeitos multiplicadores que, em todas as coordenadas, são inerentes a esta indústria. E esse resultado imediato elevar-se-á com a expansão do fabrico, dirigido aos grandes perfis e aos produtos planos, aos aços especiais, à instalação de grandes fundições e forjamentos, por forma a permitir que o País entre nos fabricos integrais da mecânica pesada, e a evitar que se importe aquilo que já tem cá matéria-prima para ser fabricado.

«São as grandes fábricas e oficinas existentes que o requerem, para a construção e montagem de locomotivas e carruagens, maquinaria de grandes pe-

em vez de carbono, aproximando-se — tal como, infelizmente, a arte bélica já o fez — daquele elemento primordial que constitui 70% do peso e 90% do volume do Universo.»

O sr. ministro da Economia disse da necessidade de duplicar a produção da fábrica

O sr. ministro da Economia, depois de apreciar a valiosa iniciativa, afirmou que o interesse do País manda duplicar a fábrica, para lhe dar equilíbrio económico e aumentar a produção portuguesa, hoje, mais do que nunca, imperativo nacional de primeiro plano. E deve ser já, essa duplicação. «Pensando em voz alta — disse — vejo assim o caminho: projectar até ao fim do ano; encomendar no ano que vem; concluir em 1964; e pedir a v. ex., sr. Presidente, que venha aqui comemorar em nova inauguração, o fecho do II Plano de Fomento. Esta é a nova batalha em que me vou emendar.»

E noutra passagem: «Falei de duplicar a capacidade desta fábrica. Não sei ao certo quanto custará: talvez milhão e meio de contos. Citar esta verba traz inerte novo problema: a origem deste capital; e o tema sugere-me nova reflexão, que peço licença para fazer também em voz alta. Nem sempre foi fácil financiar a obra que vemos aqui; além da participação dos accionistas e das operações a curto e médio prazo na banca comercial, quase só o Estado, através da Fazenda Pública, das Caixas de Previdência e do Fundo de Fomento Nacional, assegurou o investimento necessário. Talvez a Caixa Geral de Depósitos venha também a alinhar. Fora deste quadro oficial, o risco foi considerado excessivo para que outras instituições adequadas colaborassem em créditos a longo prazo: mas como a Nação precisa de alimentar novas iniciativas, envolvendo o mesmo risco, parece inferior-se que se aconselha definir o instrumento privado capaz de o fazer.»

Palavras de louvor do sr. Presidente da República

Encerrou a sessão o sr. Presidente da República que afirmou:

«Ao louvar esta obra, não esqueço as pessoas que tanto contribuíram para ela, não apenas o seu conselho de administração e os seus operários mas os políticos que a tornaram possível. Quero lembrar, neste momento, o sr. dr. Ulisses Cortês que tanto esforço despendeu para que esta obra se tornasse uma realidade. Eu fui testemunha disso, e fui testemunha e tenho sido sempre do amor que o actual ministro da Economia dedica a esta indústria básica. Não posso esquecer também o sr. ministro das Finanças, que em tanto contribuiu para a realização dela.

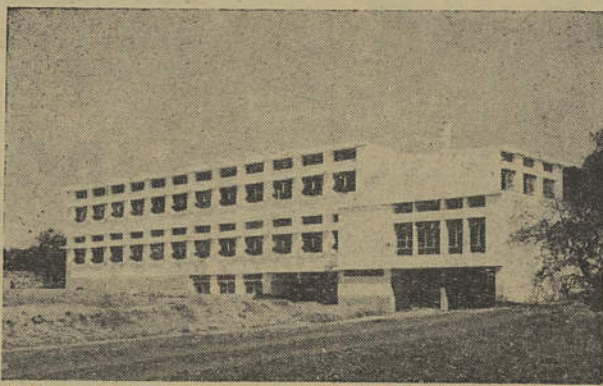
«Estamos todos de parabéns, disse o sr. António Champalimaud, e por isso eu não deveria ter dito mais nada. Mas

Externato de S. Brás de Alportel (misto)

EDIFÍCIO PRÓPRIO
TRANSPORTE PRIVATIVO



FACHADA NORTE



FACHADA SUL

ENSINO LICEAL, PRIMÁRIO E DE ADMISSÃO AOS LICEUS E ESCOLAS TÉCNICAS

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS SEM MULTA ATÉ 15 DE SETEMBRO

OS MENINOS DO PARNASO

Ce qui n'est pas bien fait, n'est pas fait — Teófilo Gautier

É preciso ter uma ideia muito falsa do que é a beleza para a encontrar no desequilíbrio mental da chamada poesia modernista — onde tudo é confusão, inconsciência e nebulosidade. Confessa a minha sensibilidade não entender o que essa poesia sem poesia quer dizer na mais feia e metálica das prosas. Os que cultivam tal falta de gosto, desviados do verdadeiro concerto de poesia, julgam-se talvez uns estetas reformistas pregando o inconformismo, inovadores revolucionários cuja audácia consideram natural e lógica para destruir fórmulas e espelinhar regras mais ou menos disciplinadas.

Virão dizer-nos que navegam à aventura por ignotas paragens em demanda das expressões bizarras, desfraldando ao vento da rebeldia, a tese de que a arte necessita, para servir a poesia, de uma concepção de originalidade capaz das mais extravagantes imagens. E, na verdade, nada mais exótico do que esse poetizar sem verso. Onde, por fatalidade, acontece haver rimas, estas perdem o som; ritmo e cadência são ossos bem descartados desta poesia nefasta ao bom funcionamento do cérebro. A este fenómeno de nefalbatismo corresponde o snobismo do que está em moda. Se não tivesse existido no século XVIII um certo senhor Stillingfleet que usava meias azuis, frequentador do salão da condessa de Montagne, não existiriam hoje os *bas-bleus*. A mania da «novidade» deformou o carácter e a inteligência de uma geração delirante que quer atrair todas as atenções, mesmo à custa do mais espectacular ridículo. Fazem versos que só eles percebem; são como aquele Aspéndius que havia em Roma; tocava a lira de tal maneira que só ele a ouvia! Certos «intellectuais» mesa-de-café, desprovidos de cultura, assinam em todas as revistas poemas inacreditáveis. O verso branco, claudicante, insípido e monótono, anda envolvido com suspeita prosa — a virgula por quilómetro. Uma miséria de imaginação, cheia de ferrugem, torna mais angustiada e lamentável este exibicionismo doentio. Por isso nós fugimos dessa poesia modernista, refugiando-nos no convívio de um Bernardo de Passos, dum João Lúcio ou de um Teixeira de Pascoais. Em contacto com estes grandes senhores da antiga nobreza da arte, compreendemos que o papel da poesia consiste, como dizia Musset, em *faire une perle d'une larve*.

As escolas mais diversas, as influências mais incisivas, as particularidades mais especiosas, reflectem harmonia e equilíbrio. O conteúdo filosófico da obra de um Junqueiro não altera a majestade dos seus versos de ouro. Ideias e símbolos, revestidos de uma serena limpidez, não perturbam a impecável estrutura dos formosos sonetos de Cândido Guerreiro ou de Antero. O dom inato de imaginar e construir poesia, de sonhá-la e transmiti-la, legou heranças fabulosas ao nosso idioma. E o parnasianismo elevando a forma ao prestígio de uma religião, é o romantismo, a escola dos simbolistas, esta e aquela pléiade de cantores da raça, de trovadores do amor. Em todos está presente a poesia — milagre de ritmo. Verlaine (de quem Anatole dizia «c'est un inconscient, mais c'est un poète comme il ne s'en rencontre pas un par siècle»), repetia com frequência que acima de tudo queria a música. O segredo da poesia, o poder sugestivo que a ilumina, está na musicalidade do verso. Já certo poeta otomano que se fixara em Paris, dizia que «Lamartine est une harpe, Vigny une viole, Musset une trompette», e Carlyle chamou à poesia «pensamento musical». Os pseudo-poetas, fazedores de inextricáveis poemas quilométricos, inventaram com a sua poesia modernista uma coisa bárbara — modelo de monstruosidade que detesta a música.

Uma coroa de oliveira e um vaso cheio de azeite era o prémio concedido no Odeão aos poetas. A estes poetas sem poesia que procuram quem lhes apadrinhe a celebridade como os carneiros procuram a ravina que lhes dê sombra, — devíamos oferecer uma gramática.

Jorge Ramos

Motor "RUSTON"

Vende-se um motor inglês «RUSTON», de 7,5 CV, em bom estado.

Trata: José Manuel Salvador Martins — Casa Branca — Correo da Sentinela — Azinhal (Sul I).

LA DE VIDRO EM PASTA PARA ISOLAMENTO DO SOM, CALOR E FRIO EM:

Câmaras Frigoríficas, Construção Civil, Construção Naval, Estufas, Caldeiras

E TODO O GÉNERO DE ISOLAMENTO INDUSTRIAL
Wandschneider & Cia., Lda.

Rua Cândido dos Reis, 74-2.º — Telef. 50702 — PORTO

Sr. Lavrador, seja providente!...

Extermine desde já os germens das doenças que possam afectar as futuras safras, procedendo à **desinfecção** de todas as **SEMENTES** com

GRANEOL

O mais energético e poderoso **DESINFECTANTE**, para **tratamento a seco**.

Fungicida poderoso. 100% activo. O GRANEOL não é venenoso. As sementes desinfectadas com **GRANEOL** conservam todas as suas faculdades germinativas.

GRANEOL é Económico, Prático e Eficiente

PEDIDOS A: **RAGROL**
REPRESENTAÇÕES AGRO-INDUSTRIAS, LDA.

Telef. 57671 // Rua Duque de Palmela, 27, 4.º-Esq. // LISBOA

CASA

Vende-se de seis divisões, quintal, cozinha e quarto de banho, com inquilino. Renda anual de 4.080\$00. Informa: José dos Santos Campinas, Mercado 1.º de Maio — Vila Real de Santo António.

EXTERNATO GIL EANES LAGOS

CURSO GERAL DOS LICEUS (Ambos os sexos)

Estão abertas as matrículas para o próximo ano lectivo de 1961-62



TINTAS PARA navios

FÁBRICA de TINTAS e VERNIZES
EXCELSIOR



de J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAVESSA DO GIESTAL, 4 • LISBOA

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na **CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES**, (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 13-1.º - Telefone 82 - LAGOS. Remessas para todo o País